



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

FILMAR DE SI: A FALA E O CORPO NA PRODUÇÃO DE VLOGS POR PESSOAS
TRANS NO BRASIL

PÊ MOREIRA

RIO DE JANEIRO
2018

Pê Moreira

Filmar de si: a fala e o corpo na produção de vlogs por pessoas trans no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Radialismo

Orientadora: Heloísa Buarque de Hollanda

Rio de Janeiro
2018

MOREIRA, Pê.

Filmar de si: a fala e o corpo na produção de vlogs por pessoas trans no Brasil.

Rio de Janeiro, 2018.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Radialismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. 49 p.

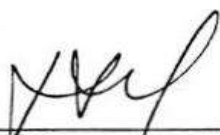
Orientação: Heloísa Buarque de Hollanda

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

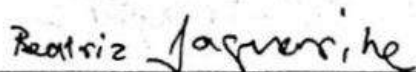
Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Filmar de si: a fala e o corpo na produção de vlogs por pessoas trans no Brasil**, elaborada por Pê Sobrinho Moreira.

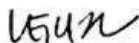
Comissão Examinadora:



Prof. Drª Heloísa Buarque de Hollanda



Prof. Drª Beatriz Jaguaribe de Mattos



Prof. Drª Leila Salim Leal

Aprovada em: 03/12/2018

Grau: 10,0

Rio de Janeiro
2018

AGRADECIMENTOS

Tenho tido muitos encontros, trocas e afeto e poderia escrever uma monografia de agradecimentos. Não vou; tentarei ser econômica.

Acho que meu primeiro agradecimento precisa ser à Virgínia, minha avó, que me ensinou a ser gente e me mostrou com todo gosto o que era cuidado e carinho. À Joseane, minha mãe, que afinal de contas teve a disposição de me carregar por quase 9 meses completos dentro dela; foi na força que ela tem, também, que eu descobri que podia fazer qualquer coisa. À Júlia, minha irmã, que roubou a atenção que antes era minha, nascendo mais bonita e por último. As três encontraram seus jeitos de dividir amor comigo. Seguimos aprimorando essa troca, pela prática.

Quero agradecer à Laura, minha bisavó, por todas as novelas que assistimos juntas depois que eu voltava da escola. Ao Domingos, meu avô, por todas as vezes que fingia se assustar com os sustos que eu armava para ele e por me deixar pentear seu cabelo. Além do carinho que recebi dos dois, por todo tempo que eles tiveram para me dar esse carinho.

Em algum momento dos meus 18 anos, comecei a deixar a ideia que eu tenho de mim existir no mundo; esse eu com o qual eu sou mais confortável. Teresa, minha melhor amiga, foi a primeira pessoa a me ver, sem eu pedir. E a primeira pessoa a me amar desse jeito, sem qualquer obrigação de sangue culturalmente construída e sem fazer nenhuma exigência. Meu agradecimento à Teresa é por ter me ensinado que eu merecia amor – inclusive meu próprio amor.

No embalo veio Barbara, minha companheira, porque encontrar-la só como amiga não é suficiente. Eu não posso começar declarações à Barbara, porque é difícil parar e ainda pouco prometi economia. Obrigada por ser luz, por segurar minha mão, por se deixar ser parte de mim – e me deixar parte de você.

Nos anos de universidade, o total de cinco pessoas que eu conhecia, crescendo, morando, estudando e trabalhando no mesmo bairro da Vila da Penha, aumentou um tanto. E aqui cabe uma lista grande de pessoas por quem tenho um enorme carinho, mas vou ficar com menções honrosas: à Carol, Luan e Matheus, que foram e são pontos de apoio fundamentais pra mim. À Carol, pelas comemorações de aniversário no chão dos apartamentos em que morou em Botafogo e pela minha primeira experiência de tia de gato; ao Luan, pelas piadas ruins, às vezes anglófonas demais, e pelos abraços apertados; ao Matheus, por dividir comigo uma sensibilidade tão única e por ser um enorme referencial e inspiração artística pra mim.

Preciso agradecer a Caim, meu primeiro amigo que era tão desconforme como eu, por existir por perto. Tenho me prometido com frequência, pelos últimos anos, escrever sobre como foi acalentador e feliz 4ncontra-lo. Um alívio ter ao alcance das minhas mãos a prova de que se eu era louca, pelo menos não era sozinha.

A cronologia desses agradecimentos não foi possível. Peço perdão, se alguém esperava cronologia. No meu segundo período na universidade conheci Leila, o gatilho disparador das minhas inquietações militantes – ou do desejo de transformar essas inquietações em ação. Não que eu tenha me tornado uma ativista de verdade, mas essa foi a primeira abertura que eu tive pra me colocar nas minhas produções e para tentar contribuir de alguma maneira com a organização de um lugar mais bacana para as pessoas existirem. Me colocar no meu trabalho também é parte bem grande do meu processo de cura; obrigada por me ajudar a abrir essa possibilidade.

Quero agradecer também à Heloísa e Julia, que foram fundamentais no caminho desse trabalho. À Julia, por ser uma baita companheira de pesquisa e de vida; obrigada por ser tão gentil. À Heloísa, por ter me recebido de coração tão aberto, pelo carinho, pelo encorajamento das minhas ideias e pela confiança. Nesse trabalho e em nossos outros projetos, produzir com você tem sido de uma riqueza enorme para mim; obrigada.

A Diogo, Filipe, Hugo, Sam, Thomaz e Xisto, pelas trocas tão ricas, pelas conversas, por serem resistência e por toparem compor esse trabalho comigo. Obrigada pela parceria e pelo carinho. Sigamos juntas!

“Ninguém é obrigado a achar que aquelas vozes confusas cantam melhor do que as outras e falam da essência do verdadeiro. Basta que elas existam e que tenham contra elas tudo o que se obstina em fazê-las calar, para que faça sentido escutá-las e buscar o que elas querem dizer”

(Michel Foucault, em *É inútil revoltar-se?*)

MOREIRA, Pê. Filmar de si: a fala e o corpo na produção de vlogs por pessoas trans no Brasil. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2018.

RESUMO

Esse trabalho é um exercício de pensar como pessoas trans usam do vídeo – mais especificamente de vídeos para internet – como ferramenta de autorização das próprias existências. Primeiro, uma exploração do contexto político e social brasileiro desde 2013 e de uma possível renovação da consciência política da juventude do país; passo pela formação da quarta onda do feminismo brasileiro e da influência do pensamento e das práticas feministas na possibilidade e organização das transgressões de gênero. Depois, converso com vloggers que estiveram produzindo para o YouTube durante os anos 2010, sobre experiências de silenciamento e de rompimento desse silêncio. Falamos sobre o uso do vídeo como forma de se colocar no mundo, de se dar a liberdade de explorar seus gêneros e corpos, de comunicar suas humanidades. A proposta, com o projeto, é criar um espaço de troca entre essas experiências e seus processos de experimentação e autorização.

SUMÁRIO

Introdução: monografia-ocupação / monografia-ouvido.....	9
Capítulo 1: prólogo-político.....	14
1.1 Antes de nós, vieram outras.....	14
1.2 Uma democracia da fala.....	16
1.3 Das perturbações de junho.....	18
1.4 A explosão feminista.....	19
1.5 Agora temos várias faladoras.....	22
1.6 Estamos em obras.....	24
Capítulo 2: narrativas de si.....	25
2.1 Oceano do não dito.....	26
2.2 Somos vulcões.....	28
2.3 Tornando-se sujeito de si mesma.....	32
2.4 Ela mergulha a coisa na vida da narradora.....	35
2.5 Uma democracia do conhecimento.....	37
Capítulo 3: visões de si.....	39
3.1 Corpo mesclado.....	39
3.2 Uma tecnologia complementar de transição.....	41
3.3 Certa produção intelectual de si.....	44
Considerações finais.....	45
Referências.....	46

Introdução: monografia-ocupação / monografia-ouvido

Não acompanhei Yasmin no café que ela tomou; apesar de ser meio do mês, o dinheiro já estava curto. Nos encontramos no Largo do Machado, em maio de 2017. Foi a primeira vez que combinei e parei para escutar alguém me contar de sua história e de seu trabalho. Antes dos 25 anos, Yasmin já tinha produzido um curta sobre a violência dos processos estéticos pelos quais o corpo da mulher negra é atravessado – Kbelá (2015) – e idealizado uma plataforma online de hospedagem e compartilhamento de produção audiovisual realizada por pessoas negras – Afroflix. Ela me contou da relação com o cinema e com o pai, me disse da relação com o mundo e da experiência de ser uma mulher preta nele. Desse dia, eu soube que qualquer trabalho de pesquisa que eu me metesse a fazer envolveria conversar e trocar com as pessoas; a minha forma de produzir conhecimento vive nessas pequenas trocas e é partir delas que faz sentido para mim que novos conhecimentos sejam produzidos.

Venho trabalhando com Heloísa Buarque desde o começo de 2017 e nossas trocas foram fundamentais para que eu organizasse as ideias sobre o que queria pesquisa e como encontrar em mim formas de realizar essas pesquisas – formas de falar sobre mim e com outras pessoas. A primeira parte da proposta desse trabalho, o audiovisual, veio do trabalho no Explosão Feminista, livro organizado por Heloísa, sobre a quarta onda do movimento feminista no Brasil. Participei de algumas partes do processo de fazê-lo, entre elas, a pesquisa sobre a produção audiovisual por mulheres feministas no Brasil, no espaço 2015-2018. Olhando para a diversidade de produções, novas formas de produzir e espaços de exibição e diálogo sobre o que estava sendo realizado por essas mulheres-diretoras, a pesquisa aconteceu norteadas pela tentativa de contribuir para a elaboração de um panorama dessas produções por todo o país. Uma pequena parte desse trabalho foi para o Explosão.

Nas conversas, participações em seminários, mostras e festivais, nas pesquisas nas mídias sociais e em portais sobre cinema nacional independente, encontrei com a empolgação de ver o quebra da nova onda feminista no audiovisual e com um incômodo: onde estavam as pessoas trans produtoras? Num momento de discussões fortes sobre representação, de debates sobre representatividade, da preocupação em ouvir vozes sistematicamente silenciadas, onde estavam as pessoas trans realizadoras e personagens dessas produções? Onde estavam nossas vozes? E nossos corpos? É verdade que minha pesquisa olhava para um espaço mais mainstream do mercado audiovisual brasileiro, uma ressalva que não diminuiu a relevância dos questionamentos, mas me ajudou a lembrar que podíamos estar realizando produções que faziam outros caminhos, passavam por outros circuitos. Realmente pessoas trans não estão fora da produção audiovisual do país e, me parece, nem alheias às possibilidades que as

movimentações dos últimos anos acordaram. Aqui, dou apenas um mergulho pequeno na produção de vlogs.

A segunda parte da proposta, talvez primeira em importância, é sobre transgressões de gênero. Na pesquisa que realizamos agora, sobre a segunda onda do movimento feminista brasileiro e as formas de ação, militância e cuidado que aquelas mulheres da década de 70 encontraram para produzir suas subjetividades e lutar por seus direitos. A rebeldia dos feminismos e o desvio de gênero tão parte dos movimentos sempre falou comigo. Descobri o tema desse trabalho no encontro das transgressões e do audiovisual como ferramenta de autorização dessas transgressões, pelas próprias pessoas desviantes.

Antes de ser monografia

Acredito ser importante esclarecer algumas ideias que estão antes da organização dessa monografia, especialmente porque algumas delas podem condicionar o entendimento do que eu falo. Não sei se antes propriamente, já que algumas dessas ideias vieram do exercício de trocar com outras pessoas, escrever e organizar as coisas que compõem esse trabalho; mas antes da leitura dela, pelo menos.

Quando falo de transgressões de gênero, fica claro que existe um código, uma forma socialmente entendida como a forma correta de existir enquanto um gênero. Talvez fizesse sentido explorar essas formas pré-autorizadas de existir no mundo, as formas válidas, mas esse investimento me parece redundante. Eu diria até que inútil. Nós sabemos que ser humano significa ser homem ou mulher, significa caber em uma dessas possibilidades. Todos nós fomos educadas para performar atos de um gênero ou de outro, uma educação para a vida em sociedade, para a troca com as outras pessoas, para termos esse status de humano. Em vários momentos das nossas vidas, várias pessoas apontaram para a gente que éramos homens ou mulheres, baseadas na materialidade dos nossos corpos e nos atos que performávamos. Acho importante falar da performance como atos, quando falo de gênero, ter seu gênero validado ou não pela sociedade em que você está inserida fala das possibilidades de ação que você tem no mundo – e de como você tem o poder de criar e autorizar possibilidades de ação nas transgressões. Não farei qualquer exploração sobre isso para além desse esclarecimento.

É engraçado que não tinha pensado como “trans” também caberia como abreviação de transgressoras. Poderia ser; pode ser. Ao longo desse trabalho, falo de pessoas trans como abreviação de pessoas transgênero, pessoas cuja relação com o gênero que lhe foi dado ao nascer é conturbada. Pessoas que não cabem nas limitações de gênero que lhes foram impostas;

e que fazem intervenções sobre as próprias vidas e experiências no mundo para mudar essa limitação desconfortável.

Ao longo da minha escrita nas próximas páginas acabo alternando entre as primeiras pessoas do singular e do plural. Falo de mim, quando escrevo sobre impressões e ideias que são especialmente minhas – ou minhas o suficiente para pontuá-las como tal. Falo de nós falando de pessoas transgressoras num geral, das que transgridem quaisquer códigos e normas limitantes, mas em especial as de gênero – que é o que atravessa esse trabalho. Acabo recorrendo a esse plural, quando acredito que faz mais sentido assumir uma fala genérica, quando sei que as questões que trato dizem respeito a essa coletividade em que estou inserida.

Meus plurais são no feminino, porque entendo que estou falando de pessoas; pessoa é um substantivo feminino. Eles só são no masculino quando estou agrupando palavras masculinas, em qualquer outro caso genérico para pessoas ou títulos de pessoas – como acontece algumas vezes com as youtubers, as vloggers – falo no feminino. E trato das autoras e das produtoras com quem converso pelo primeiro nome. Tenho alguns motivos para isso, mas como esse não é um manifesto pelo uso do primeiro nome, serie breve na justificativa.

Primeiro, acho que tratar as pessoas pelo sobrenome é uma marca forte de colonização cultural; estou tentando rompê-la na minha vida, no que ela tem de colonização e não influência. Para mim, faz sentido que tente rompê-la no meu trabalho também. Além disso, e especialmente, tratar as pessoas pelo sobrenome fala com uma lógica masculina e impessoal de produção de conhecimento que não conversa comigo, para onde a academia tenta muitas vezes me encaminhar e para onde não tenho interesse em ir. Todas as pessoas que me ensinaram e que produziram conhecimento comigo ao longo da minha vida, eu conheci pelos seus primeiros nomes. A minha tentativa de uma produção mais próxima da maneira como eu produzo conhecimento e sentido sobre o mundo, me leva a buscar uma forma de produção de conhecimento científico menos dura, menos pretensamente impessoal, mais afetiva e mais humana – e eu acredito que o sobrenome afasta essa pessoalidade, esse afeto.

Sendo -ocupação ou -ouvido

Encontrei companheiras na academia, nunca estive sozinha de verdade nesse espaço; mas não encontrei outras pessoas trans. Não pude trocar, nesse lugar privilegiado de produção de conhecimento, com outras pessoas mais como eu. Foi esse não-encontro que me falou da necessidade de pensar um espaço que outras vozes trans pudessem usar para ocupar a academia, vozes que falam de experiências que não estavam contribuindo para essa produção formal de saberes, saberes às vezes até sobre elas mesmas. A universidade precisa de mais vozes

transgressoras e transgênero, então decidi que essa monografia deveria ser uma ferramenta que possibilitasse isso, em alguma medida. E também achei que seria uma boa oportunidade para fazer esse encontro que não tive nos últimos pouco mais de quatro anos.

Algumas coisas, como a leitura de Svetlana Aleksievitch que Julia me recomendou, deram nome para minha vontade de ser ouvido, de que essa monografia fosse também ouvido. Acredito, porém, que a principal referência e que mais ajuda a entender o formato de trabalho que tento colocar em prática nas próximas páginas é a dos grupos de reflexão e autoconsciência. Tenho escutado de todas as mulheres com quem já conversei, na pesquisa sobre a segunda onda feminista, dos grupos de reflexão. Das dinâmicas de se espalhar por uma sala da casa de alguém, de sentar na mobília e no chão, de às vezes trancar as portas, para conversar. No caso delas, sobre suas experiências no mundo enquanto mulheres. Tudo aquilo que doía e que elas não tinham podido falar, por não terem tido esse espaço até então; tudo aquilo que alegrava e dava prazer, que elas não tinham podido nem pensar. Conversar uma com as outras, trocar, ouvir, se abraçar, dar conselhos, prestar socorros. Uma dinâmica tão humana de cuidar de si e da outra, de olhar para si e para as pessoas a sua volta.

A minha ideia é que essa monografia fosse grupo de reflexão. Não propus entrevistas a ninguém, não queria entrevistar pessoas que estavam produzindo para o YouTube, queria trocar com elas; propus conversas, e foi o que fizemos. Nos ligamos e conversamos por horas. Conversei com as seis pessoas que falam nesse trabalho comigo separadamente – tirando Diogo e Thomaz, essa foi uma ligação a três. Eu procurei pelos canais que existiam de pessoas trans, com pesquisas no Google e em grupos de pessoas trans no Facebook. Entrei em contato com algumas vloggers, um tanto delas me respondeu, mas acabei conversando com as seis que estão aqui. Falamos eu, Pê, com 22 anos, uma pessoa trans não-binária; Sam, com 20 anos, um homem trans, que produz no canal SAMbody; Hugo, que tem 24 anos e é uma pessoa trans não-binária, que produz no canal Hugo Nasck; Filipe, que tem 29 anos, é um homem trans e produz no canal Pode Me Chamar de Lip; Xisto, com 31 anos, que é uma pessoa trans não binária e produzia para o canal Xisto, um videoblog; e Diogo e Thomaz, com 22 e 24 anos, dois homens trans que produzem juntos no canal Cavalos Marinheiros – essa foi a ordem em que as conversas aconteceram.

Eu cheguei na primeira conversa com a proposta de falar sobre a produção dos vídeos, o canal e como esses vídeos funcionavam como formas de autorização das existências trans que os produziam. Eu fui o mais aberta que pude para as conversas, a ideia era que as trocas que acontecessem com essas pessoas guiassem o que seria essa monografia – e foi isso que aconteceu. Depois das conversas, as transcrevi, separei falas que me deram ideias do que falar,

que trocavam com falas de outras conversas, que eu senti como importantes para as pessoas que as estavam fazendo. Não apresento essas pessoas de novo ao longo dos capítulos 2 e 3, onde elas falam comigo. Também não introduzo as falas ou as explico, porque elas conversam com o que eu falo e essa é a proposta. As nossas falas se encontram, como nas nossas conversas: nos provocamos, nos ouvimos e nos abraçamos.

Das conversas

O que se transformou em conteúdo dos capítulos veio das trocas. No primeiro capítulo, especialmente trocas com Julia e Heloísa no processo de pesquisar feminismos e de conversarmos sobre minha monografia. Acredito que falar sobre o contexto em que essas produções emergem seja importante tanto para entendê-las, entender porque elas acontecem, mas também para descobrir porque esse trabalho é possível. Esse contexto é formador para as vloggers, mas também para mim; ele é formador das pessoas que se encontram nos dois capítulos seguintes. Falo sobre, especialmente, a influência dos feminismos brasileiros desde os anos 1970 até hoje, sobre às possibilidades de transgredir gênero; e da influência do desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas, que servem como ferramenta para colocar essas transgressões em disputa no mundo, através dos vídeos.

A minha escolha de trabalhar com o vídeo na internet e a forma como ele aparece nos três capítulos precisa de uma pontuação: não exploro a estética dos vlogs, na montagem, na composição da imagem, no tratamento possível dado a ela. O vídeo e a internet são duas dessas novas tecnologias através das quais nos comunicamos – a exemplo do crescimento do YouTube como plataforma de compartilhamento de conteúdo em vídeo, muitos em forma de vlogs, e do compartilhamento de vídeos em outras mídias sociais como Facebook e Instagram. Meu interesse neles está muito menos em possíveis estéticas transgressoras em forma, e mais nos vídeos como fala comum e potencialmente entendível por qualquer pessoa. Converso com uma forma de vídeo simples e que se transforma numa ferramenta talvez mais abrangente ou acessível de autorização – especialmente para outras pessoas trans que entram em contato com eles.

Os segundo e terceiro capítulos são as conversas com as pessoas que transgridem e filmam. No capítulo dois, falamos sobre os silêncios que atravessam nossas experiências transgressoras. Falamos das possibilidades de falar, de falar de si, de produzir sobre a própria experiência e construir novas narrativas e novas formas de ação no mundo. Além das trocas para as quais o compartilhamento de vídeos na internet abriu para elas, enquanto youtubers. No capítulo três, falamos de corpo mais que de voz, mas ainda dos dois. Conversamos sobre uma

materialidade que parece imutável, mas que não é; sobre tecnologias de transição e visões de si e do mundo.

A última conversa que tive foi com os meninos do Cavalos Marinhos. Minha ideia de *autorização*, que desenvolvo nesse trabalho e que o atravessa inteiro, já estava melhor organizada e talvez tenha rendido trocas mais interessantes sobre ela. Em algum momento da nossa ligação, Diogo disse que “falar da autorização para ser quem a gente é, às vezes é sobre dar uma autorização para ser algo novo”. Esse trabalho é sobre ser algo novo, porque somos algo novo a todo momento. Porque a universidade e os encontros que vieram para mim, a partir dela, me fizeram algo novo. Porque sou algo completamente novo, depois das trocas que tive com Diogo, Filipe, Hugo, Sam, Thomaz e Xisto.

Capítulo 1: prólogo-político

*“É belo que os movimentos feministas sejam tratados como ondas. Uma metáfora adequada para as **perturbações** que as mulheres provocam quando propõem rupturas a profunda calma do status quo.”*

(Julia de Cunto¹; mas o grifo é meu)

1.1 Antes de nós, vieram outras

Quase comecei esse capítulo falando sobre um certo levante dos movimentos sociais brasileiros a partir de 2013, que agita as águas do movimento feminista no país. Mas esses feminismos – hoje plurais até no nome – não começaram em 2013 ou 2015. Em 1838, a norte-rio-grandense Nísia Floresta fundou o Colégio Augusto, possivelmente a primeira instituição voltada apenas para a educação feminina. Nos primeiros anos do século seguinte, a bióloga paulista Bertha Lutz foi um dos nomes mais importantes do feminismo brasileiro e internacional. Além do papel fundamental no movimento sufragista por aqui, “a faladora Bertha Lutz”² participou, entre abril e junho de 1945, da Conferência sobre Organização Internacional, em São Francisco-EUA. Foi nesse encontro que, lideradas por Bertha, as diplomatas latino-americanas pautaram a inclusão dos direitos das mulheres na Carta das Nações Unidas. O Artigo 1º da Carta coloca como função da Organização “promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião”; esse princípio de igualdade reaparece no documento mais quatro vezes.

O feminismo de classe alta dessa primeira onda do movimento chega às classes médias muito pela figura de Carmen da Silva. Em 1963, a escritora, psicanalista e jornalista começa a contribuir para a Revista *Cláudia*, com a coluna *A arte de ser mulher*; um espaço que usava para fazer discussões sobre corpo, trabalho e sexualidade. Junto de intelectuais que tinham seu trabalho na academia atravessado pelo feminismo de alguma maneira, Carmen foi influência para um grupo de mulheres do Rio de Janeiro, que, com o apoio do Centro de Informações das Nações Unidas, organizaram um *Seminário sobre o papel e comportamento da mulher na*

¹ Julia escreveu o que eu considero um dos trabalhos mais bonitos e inspiradores com mulheres da segunda onda do feminismo brasileiro. A referência está no final; a obra de arte está no repositório de trabalhos da UFRJ.

² A feminista e outras figuras do movimento feminista brasileiro foram personagens de várias crônicas de Lima Barreto; para ele “as moças do Brasil se fizeram arautos do feminismo burocrático”. O escritor era um crítico veemente do movimento, e foi justamente essa veemência que serviu ao reconhecimento público da atuação de Bertha e outras sufragistas. (MARQUES, 2008)

sociedade brasileira. O evento aconteceu em 1975 – que tinha sido estabelecido pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Mulher – na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e foi o marco da segunda onda do feminismo brasileiro.

Essa fase do movimento exigiu uma dupla militância, as questões dos direitos da mulher precisaram dividir espaço com a luta contra a ditadura; em 1975 também foi criado o Movimento Feminino pela Anistia, por exemplo. Nos espaços talvez mais privados, a segunda onda pautou questões do corpo e da sexualidade feminina, bem como o trabalho e direitos reprodutivos. A pauta que mais repercutiu, extrapolando especialmente o caráter classe média do movimento, foi a da violência contra mulher. O movimento criou espaços para acolhimento de vítimas de violência doméstica – como foi o SOS Mulher –, fez a pressão necessária para a criação das Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM), cunhou o slogan “Quem ama não mata”³, que surge como resposta ao assassinato de mulheres em Belo Horizonte (MG). O movimento teve parte também na criação e gestão de Conselhos Estaduais e Nacional dos Direitos da Mulher (CEDIM e CNDM) e foi parte fundamental do processo de redemocratização do país, especialmente com sua entrada na elaboração da Constituição de 88.

A nova Constituição assegurou a igualdade entre homens e mulheres em geral (artigo 5º, I) e no âmbito da família (artigo 226, § 5º), proibiu a discriminação no mercado de trabalho por motivos de sexo ou estado civil (artigo 7º, XXX), estipulou o planejamento familiar como uma livre decisão do casal, devendo o Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito (artigo 226, § 7º), e tornou dever do Estado coibir a violência no âmbito das relações familiares (artigo 226, § 8º)⁴ – o que recentemente serviu de base para a aprovação da Lei Maria da Penha.

Pode ser que a terceira onda já tenha começado na década de 80, quando aparecem reivindicações de outras minorias dentro do feminismo – como as questões das mulheres negras, por exemplo, que quase não eram pautadas pelo feminismo hegemônico de até esse momento. Essas chamadas de minorias feministas é marca principal dessa onda, e o aparecimento delas tão cedo traz uma dificuldade para o trabalho de delimitar seu tempo. Mas ela bate, de fato, na década de 90, quando essa reflexão se intensifica junto com o aumento da produção acadêmica sobre feminismo e – agora – questões de gênero. A ideia de gênero aparece em meio a contestação de uma mulher universal, uma forma de mulher e de opressão que seria aplicável a

³ Além de pichações nos muros de diversas cidades brasileiras, *Quem ama não mata* foi até título de minissérie da Rede Globo, que pautava as questões da violência doméstica e do feminicídio.

⁴ Constituição Federal de 1988.

qualquer cultura, qualquer modelo social existente. Acontece que toda identidade é construída dentro de um contexto histórico, a partir de uma certa determinação de classe, raça e sexualidade. Existem formas diversas de ser mulher e de ser homem – e de não ser nenhum dos dois, mas, por enquanto, estou falando da estrutura que se propõe a produzir mulheres e homens, apenas. É especialmente no feminismo da terceira onda que essa universalidade é questionada e a discussão sobre gênero se torna o lugar comum do feminismo.

Para seguir com o Brasil, a década de 1990 é a de uma organização maior de grupos feministas em ONGs – um processo que já tinha começado nos anos 1980. O feminismo parece voltar a lugares fechados, quase um mar em piscina, com ondas que não reviram. As Organizações aumentam em número, há uma institucionalização maior. As pesquisas, os grupos de estudo e trabalho e os departamentos de estudos feministas nas universidades brasileiras também aumentam sem parar. O feminismo não para, mas a ocupação das ruas pelo movimento só é retomada expressivamente nos anos 2010.

1.2 Uma democracia da fala

Se programas para trocas de mensagens instantâneas como o MSN e o ICQ foram criados em 1995 e 1996, respectivamente, e mídias sociais como o Orkut e o Facebook foram criadas em 2004, é possível dizer que a minha geração chega ao mundo pronta para uma comunicação online. É claro que supor que a maioria da população brasileira tinha acesso à internet no final dos anos 90 e começo dos 2000 seria absurdo. Em 2016, menos de 65% da população maior de 10 anos do país tinha esse acesso. Ainda assim, é possível dizer que as mídias sociais começam a ser parte das nossas dinâmicas, contribuindo para formas de sociabilidade atravessadas pela internet. Das pouco mais de 115 milhões de pessoas com acesso à rede, quase todas a usaram para “enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail”⁵. Talvez a maior facilidade de acesso – no que diz respeito ao por onde acessar, pelo menos – seja a principal impulsionadora dessa mudança. Dos domicílios analisados por essa pesquisa que venho citando ao longo do parágrafo, em quase 98% deles, o celular era uma ferramenta usada para acessar a internet; em 38% deles, ele era a única. As novas tecnologias de comunicação passam a fazer parte das nossas práticas, do nosso dia a dia, da maneira como relacionamos com as outras pessoas e, conseqüentemente, das relações políticas e dos movimentos sociais.

⁵ Análise dos resultados de Pnad Contínua de 2016, sobre acesso à internet e à TV. Os dados acima e abaixo da citação também vêm do mesmo documento.

Na década de 1970, Muniz estava falando da TV como o lugar do monopólio da fala – dá para dizer que das mídias tradicionais como um todo, mas a TV é o lugar privilegiado desse esquema. O sistema de televisão é uma censura “da resposta, do gesto, do corpo, reais e concretos” (SODRÉ, 1984, p. 33). Existe uma separação radical entre falante e ouvinte, nesse modelo. Por mais que quem recebe o conteúdo que vem das TVs produza uma reação ou mesmo uma reflexão sobre ele, não existe possibilidade real de troca. Não existe resposta ou participação. Talvez a experiência da internet seja a de uma possível democracia da fala. Não pela internet em si, mas pela forma de participação mais horizontal e de produção mais descentralizada. É claro que, provavelmente na maioria das vezes, a produção que passa pelas mídias sociais reproduz um saber que já existe, um discurso normativo, e se fazem em formas de produção mercadológicas, transformando discursos e expressões culturais em mercadoria. Mas a possibilidade de resistência nesses espaços existe, quando é mais fácil acessar conteúdos diversos, quando novas tecnologias de produção aparecem, quando se abre caminhos para uma troca ativa, quando usam desses espaços para organizar ações de rua. As possibilidades que a comunicação através da internet abre são luz para pensar essa democratização; as brechas que tínhamos para entrar num sistema em funcionamento são quase portas para organizarmos novos sistemas.

Antes de fazer um encontro dessa conjuntura com os movimentos de 2013, preciso chamar atenção para uma dimensão que não necessariamente trato ao longo desse trabalho. Estou fazendo e falando de micropolítica aqui. Não pretendo fazer uma análise macro, mas algumas coisas precisam ser pontuadas.

É verdade que novas tecnologias e o espaço virtual entram nas dinâmicas de produção de subjetividades e podem funcionar como lugares de resistência, contestação e libertação, em alguma medida. Mas isso não significa que essas possibilidades, quando acionadas, são suficientes para realizar uma mudança estrutural nas nossas formas de sociabilidade. Uma democracia da fala não acontece só porque o acesso à internet é cada vez mais possível. É evidente que considero essas experiências miúdas (RAGO, 2013)⁶ fundamentais para a elaboração de projetos de sociedade que se pretendam justos. Uma certa esfera do simbólico, os discursos e as narrativas, faz parte dos nossos jogos sociais; existências são autorizadas e desautorizadas nela, humanidades são concedidas e negadas. Mas as disputas que acontecem

⁶ Margareth Rago fala sobre as histórias particulares (pessoais e de militância) de feministas brasileiras da segunda onda como “experiências miúdas”. O conceito atravessa o trabalho no mesmo sentido de histórias particulares, mas também como experiências não tão miúdas; experiências de grupo, que se particularizam em alguma medida, mas que não são individuais.

nessa esfera não são um fator em si, a parte que a comunicação e as novas mídias ocupam na nossa lógica social atual não existe descolada da realidade material em que se inserem. O papel que a comunicação e a cultura têm nos “novos movimentos sociais” não indica o fim da necessidade de “lutas de cunho econômico e estrutural” (LEAL, 2017, p. 9). Para voltar ao caminho que estava fazendo, acho que a chamada de atenção se resume bem nessa fala de Leila:

o lugar da política e organização na rua e a ruptura com a cotidianidade da sociabilidade capitalista [...] são partes fundamentais e decisivas nos processos de luta constituídos pelos movimentos sociais contemporâneos, e a utilização das novas tecnologias de comunicação se *soma, mas não substitui* isso (Ibid., p. 94; o grifo é meu)

1.3 Das perturbações de junho

Nisso de dividir o movimento feminista em ondas, os anos que antecedem 2015 são de perturbações. As *Jornadas de Junho*, como ficaram conhecidas as manifestações que marcaram o ano de 2013 no Brasil, começaram com mobilizações contra o aumento das tarifas de ônibus. Em janeiro daquele ano, organizações de esquerda e ativistas independentes criaram o Bloco de Luta pelo Transporte Público no Rio Grande do Sul. As manifestações chamadas pelo Bloco começaram em fevereiro e tiveram seu auge em abril; elas conseguiram a revogação do aumento das tarifas, alcançaram repercussão nacional e serviram de inspiração para muitos ativistas nas mobilizações pelo transporte público no país. O Movimento Passe Livre de São Paulo já estava organizado há anos, mas é em 06 de junho desse 2013 que inicia a série de protestos marco das *Jornadas*. A mídia hegemônica, nesse momento, sustentava um discurso de vandalismo que contribuía com um processo de criminalização dos manifestantes e legitimava a violência policial que vinha fazendo parte das ações. Na manifestação de 13 de junho, a orientação do governo era para uma repressão ainda mais forte. Foi o que aconteceu: “o que se viu foi um massacre, com agressões generalizadas aos manifestantes e, inclusive, aos profissionais da imprensa – comercial e, sobretudo, alternativa” (Ibid., p. 259).

Na noite do dia 13 e madrugada de 14, as mídias sociais entram com força na dinâmica dos movimentos. Apesar dos grandes meios de comunicação continuarem tratando as manifestações com o mesmo discurso, o Facebook e o YouTube foram usados amplamente para denunciar e compartilhar registros dessa violência repressiva.

O discurso sobre a “violência dos vândalos e baderneiros” e a versão de que a polícia apenas reagia às depredações e ataques não encontravam mais aderência na realidade, e aqui é fundamental chamarmos atenção para o papel central da *utilização* da internet e, especificamente, da *produção de conteúdo* para as redes sociais, na construção desse sentido oposto ao dominante. (Ibid., p. 260; o grifo é meu)

A grande mídia se vê obrigada a reorganizar seu discurso sobre o que estava acontecendo no país. Tem início uma celebração da suposta falta de clareza política do movimento, que antes era atacada. Começa a ser produzida uma certa visão de mundo que embaça o caráter antissistêmico e de ruptura com a estrutura posta, que atravessavam essas manifestações e os movimentos sociais que davam forma a elas. O esvaziamento de sentido dos protestos abriu espaço para que o movimento se transformasse na expressão de uma identidade política conservadora e nacionalista, com uma pauta anticorrupção moralista e uma repulsa a partidos políticos e organizações de esquerda. A disputa política operada nesse momento, levou às ruas um perfil muito mais variado de manifestantes – muitos não só não haviam participado das manifestações anteriormente, como não se identificavam necessariamente com as pautas e o sentido político dos movimentos envolvidos. O caráter das manifestações mudou de maneira muito dramática, com uma inclinação preocupante à direita, mas 2013 ainda foi perturbação fundamental.

1.4 A explosão feminista

Nos meses que seguiram, a agitação das ruas diminui, mas a provocação do pensamento político da juventude brasileira já tinha sido plantada. O movimento se desdobrou em outras demandas, na organização – ou reorganização – de outros movimentos. É nesse contexto que o feminismo arma nova onda e vira representante da continuidade da nova geração política. Aliás, é mais adequado falar em feminismos que se tornaram representantes da continuidade da nova geração. A maior resistência ao cenário conservador que ameaça o país vem das mulheres e pessoas trans. As protagonistas desse momento político do país já vinham de uma prévia segmentação do feminismo da terceira onda. O momento de agitação e de uma certa retomada dos movimentos parece ser acompanhado de uma consciência ainda mais presente das diversidades e particularidades de grupo que precisam ser levadas em conta no fazer feminismo, e ser feminista. Feminismos negro, indígena, asiático; feminismo lésbico, transfeminismo, feminismo religioso. A onda é mais interseccional que nunca.

A horizontalidade que aparece nos feminismos de hoje reflete um modo de organização que atravessa os movimentos sociais brasileiros – e que já tinha aparecido no feminismo da segunda onda, por exemplo. Não aparecem lideranças, ou aparecem pequenas lideranças pontuais, o que conversa muito com a forma de pré-organização de manifestações na rua e organizações de grupos através da internet e das mídias sociais. Um certo protagonismo do corpo também acontece, e essa talvez seja uma herança mais direta do movimento feminista. O corpo e a voz no contar das próprias experiências.

É verdade que falar de si é parte de dinâmicas sociais do mundo muito antes da constituição de um movimento feminista. Desde práticas gregas de autorreflexão até o lugar da confissão e da vigilância no cristianismo – e nas sociedades que se organizam a partir de uma filosofia cristã. A história oral e a relação com o outro está no lugar de contar experiências e, junto disso, se contar. Mas estou culpando o feminismo pela sistematização dessa prática como forma combinada de cura e cuidado. Os feminismos das décadas de 60 a 80 não podem ser contados sem levar em conta o papel dos grupos de reflexão; os espaços mais íntimos de troca entre mulheres. Eram nos encontros dos grupos que apareciam as histórias de estupros e de pequenas violências cotidianas, os casos de violência doméstica e o problema da desigualdade no ambiente de trabalho. Eram nesses espaços que cada mulher descobria não estar sozinha, que todas ficavam cientes do caráter estrutural dos problemas pelos quais passavam e onde encontravam apoio. A dinâmica de se curar e se fortalecer era estabelecida a partir da troca que o encontro com outras mulheres permitia.

Contar da própria experiência, como esse processo de criar laços com outras pessoas que passam por dores – e prazeres – parecidos com os nossos, passou a ser dinâmica comum às formas de militância e lutas sociais que são atravessadas pela identidade. Hoje, assim como nos movimentos feministas, essa forma de troca tem um lugar nas práticas dos movimentos negro e LGBTQ+, por exemplo. E como o momento é de usar das novas mídias sociais, muitas vezes elas funcionam como pontos de encontro; grupos de reflexão em forma de hashtags.

Em 2014, a #yesallwomen foi criada, nos Estados Unidos, para mulheres falarem sobre terem que continuar lidando com assédio sexual e estupro, enquanto a preocupação dos homens em defender que “nem todos os homens (not all men) são estupradores” é consideravelmente maior que a preocupação em resolver o problema (SOLNIT, 2017). O uso das hashtags entra na lógica dos movimentos, em muito acompanhando a ideia da horizontalidade e falta de uma liderança identificada. Elas não precisam de um coletivo, um blog ou um site para existir, nem de um perfil específico nas mídias sociais para circular; basta que as pessoas façam posts em seus próprios perfis usando a tag no texto. Essas campanhas ganham mais espaço no movimento brasileiro em 2015. Naquele ano, foi criada a #PrimeiroAssédio, depois do assédio a uma participante de 12 anos do programa de TV MasterChef Júnior. Durante a exibição de um dos episódios do reality show, mídias sociais como Twitter e Facebook foram depósitos de comentários com teor pedófilo e machista envolvendo a menina. A campanha foi sobre mulheres relatarem suas primeiras experiências com assédio sexual. Uma das minhas amigas mais próximas contou em um post do Facebook, usando a hashtag, sobre o abuso que sofreu aos 9 anos de idade.

No mesmo ano, surgiu a #MulheresContraCunha, numa mobilização das mulheres contra um movimento político de Eduardo Cunha para dificultar o acesso de vítimas de estupro ao aborto legal, na forma da PL 5069 – essa movimentação online foi acompanhada de mobilizações de rua. A #MeuAmigoSecreto tinha por ideia contar de casos de assédio por homens próximos, sem identificar os agressores. Quando o Ipea divulgou os resultados de uma pesquisa em que 65% de 4 mil pessoas entrevistadas concordavam em alguma medida que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”⁷, aparece a #NãoMereçoSerEstuprada. A jornalista Nana Queiroz publicou uma foto sem camisa, com os braços cobrindo os seios e as palavras “não mereço ser estuprada” escritas nos braços. A foto foi amplamente compartilhada e foi o protesto de Nana que impulsionou o movimento com a hashtag. Aqui, voz e corpo se misturam – não que eles estivessem separados antes.

O tema do corpo aparece com força no feminismo da segunda onda. Seja pelas vias dos direitos reprodutivos, da liberação sexual, da luta pelo aborto legal e seguro, ou da própria luta da violência contra a mulher. Desde que é possível lembrar, o corpo é entendido como o lugar do instinto, da desrazão, dos sentimentos. Enquanto a clara ligação entre corpo e mente que pensa, que raciocina, é ignorada, os seres humanos esquecem que não interagem e não produzem relações sociais descolados de seus corpos. A razão (masculina) é cidadã, o sentir (feminino) é um pouco menos. A recuperação dos corpos supera um “desposseimento de si” muito experimentado em vivências limitadas da sexualidade e da reprodução (ÁVILA; CORRÊA, 1999, p. 177; apud DE CUNTO, 2018, p. 21). Quando mulheres e pessoas trans recuperam seus corpos e o poder sobre eles, as atrizes dos feminismos vão cobrando uma cidadania que lhes era negada e começam a borrar aquela separação artificial entre mente e corpo.

Nas décadas de 70 e 80 no Brasil aparece o slogan “Nosso corpo nos pertence”, nessas primeiras reivindicações de um direito sobre o destino e uso do próprio corpo. Os grupos de reflexão da época também eram muitas vezes espaços para trocas sobre experiências e experimentações com a própria sexualidade, além de lugar de denúncias sobre as violações que aqueles corpos sofriam. Nos feminismos da quarta onda, aparece o slogan “Meu corpo, minhas regras”, por questões quase iguais – apesar da força da resistência feminista de barrar retrocessos como a completa criminalização do aborto, por exemplo, não se avançou muito nas pautas sobre direito ao próprio corpo. Nesse momento, as hashtags e espaços das mídias sociais

⁷ Depois da resposta das mulheres, através da hashtag e os posts que levavam ela, o Instituto divulgou uma nota de correção dos dados. Segundo eles, o percentual correto de pessoas que concordavam com a afirmação acima era de 26%. O erro aconteceu por uma confusão entre gráficos.

servem como lugares de reflexão e compartilhamento das experiências, além da organização e interferência nas formas das ações de rua. Quando falam sobre a Marcha das Vadias, por exemplo, Bila Sorj e Carla Gomes comentam como em certos feminismos de hoje,

ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este *modo subjetivo de “libertação” do corpo* (2014, p. 438; o grifo é meu)

Novos discursos e agentes conectam as mídias sociais e a materialidade dos corpos. Voz e corpo vão tomando fôlego, vão ocupando o espaço público, produzindo sobre si e em conjunto com outras. Em 2014, os vlogs passam a ser uma forte expressão desse encontro.

1.5 Agora temos várias faladoras

As produções de vlogs aparecem nos anos 2000, na mesma lógica do acesso cada vez mais possível à internet, como forma de compartilhamento do conteúdo produzido, e à equipamentos de produção de vídeo, das webcams aos smartphones. Os vlogs são produções em vídeo, como posts em blogs, sobre um assunto que aquela produtora de conteúdo domina ou se interessa. Inicialmente feitos em casa, dentro do quarto da vlogger, de frente para o computador, com imagem e som de baixa qualidade, as produções foram sendo melhoradas à medida que o formato se populariza. A criação do YouTube em 2005, mas especialmente sua compra pela Google em 2006, contribuíram enormemente para esse processo de popularização dos vlogs. Enquanto plataforma de compartilhamento de vídeos, ele foi – e ainda é – um espaço propício para os vlogs. Até a altura de 2018 em que escrevo esse trabalho, o YouTube é o segundo site mais acessado no mundo, com mais de 23 bilhões de visitas mensais – o site da Google é o primeiro⁸. Hoje, os vloggers são youtubers.

Os vlogs atendem uma demanda de representação e participação das audiências (RAUN, 2012). Da mesma forma que outras maneiras de interação e compartilhamento de ideias pela internet, por textos ou fotos, a produção de vídeos ocupa o lugar da participação e conversa com uma possibilidade de acesso muito mais democrática à fala – que é bem diferente do lugar das mídias tradicionais. No YouTube, os vlogs são tanto uma forma de produção de

⁸ The top 500 sites on the web; e Top 30 most visited websites in the world – 2018 edition.

conteúdo por usuárias da plataforma, como no começo dos videoblogs, quanto produções por empresas que falam de assuntos específicos, como canais sobre videogames e cultura nerd. É na primeira delas, com uma pessoa que se mostra e fala, que existe, em alguma medida, um contato mais afetivo entre quem produz e quem assiste e é com ela que eu converso aqui.

O poder de falar pela internet vem sendo usado por minorias sociais para recuperarem as vozes que lhes tinham sido roubadas; é nessa possibilidade que os vlogs navegam. Quando mulheres e pessoas trans pegam em qualquer tecnologia de filmar e produzem vídeos sobre suas experiências e questões, em alguma medida, elas tomam nas mãos o controle da sua representação. Nesse espaço, são essas mulheres e pessoas trans que narram as próprias existências, que reivindicam o acesso a direitos e lugares antes negados a elas. Como a “faladora Bertha Lutz”, essas pessoas falam de si e falam com outras, conversam com outras. Esse vlogs são potenciais popularizadores de pautas e inauguradores de diálogos – bem como podem ser vídeos compartilhados em outras mídias sociais, como o Facebook e o Instagram. Eles falam com quem não sabe das questões de quem fala e com outras pessoas que são atravessadas pelas mesmas angústias e alegrias. A partir de 2014, os canais do YouTube que tem vlogs como seu conteúdo principal – ou que compartilham apenas vlogs mesmo – crescem para os espaços das questões de gênero, sexualidade e raça.

O canal Jout Jout Prazer (Julia Tolesano) foi criado em 2014 e pode ser um bom exemplo de mediação e introdução de temas do feminismo que atinge a um público potencialmente mais diverso, já que a audiência do canal é a maior entre os outros que aparecem ao longo desse parágrafo – são mais de 240 milhões de visualizações. O Afros e Afins (Nátaly Neri) foi criado em 2015 e o conteúdo do canal passa por moda acessível e maquiagem, mas tem questões feministas e do movimento negro como norte. O canal de Louie Pontes (Louie Ponto) foi criado um pouco antes desses, em 2008, mas os vídeos do canal só passam dos covers de música aos vlogs em 2015 – os vídeos são atravessados pela experiência de Louie enquanto mulher lésbica feminista. O canal de Ariel Modara foi criado em 2015 e os canais de Lucca Najar, Luca Scarpelli (Transdiário) e Thiessita foram criados em 2016; todos esses canais de pessoas trans, em que os assuntos são, em muito, suas experiências enquanto pessoas trans⁹. Nesses vlogs e em todos os outros produzidos por pessoas como essas, mesmo quando o assunto não fala sobre as questões desses corpos no mundo, os corpos falam.

⁹ As referências para as informações sobre os canais estão no final do trabalho.

1.6 Estamos em obras

A ideia de relações de gênero é introduzida no pensamento social pelos feminismos da terceira onda. A historicidade e o caráter relacional e social das categorias homem e mulher entram na lógica da reflexão sobre a experiência das pessoas no mundo. As ideias de feminilidade e masculinidade e a natureza dos gêneros binários são questionadas.

Se uma pessoa é uma mulher, com certeza uma mulher não é tudo que essa pessoa é. A categoria é falha, não apenas porque toda pessoa transcende a parafernália específica do seu gênero, mas porque “gênero” nem sempre é constituído de maneira coerente e consistente em diferentes contextos históricos. Gênero é atravessado por raça, classe, etnia, sexualidade e lugar geográfico que compõem as identidades discursivamente constituídas (BUTLER, 1999, p.6; a tradução é minha).

A impossibilidade de se prender mulheres à categoria mulher é a impossibilidade de restringir todas as pessoas a um conjunto pré-definido e limitado de formas de existir no mundo. Os movimentos feministas servem de base para as discussões sobre dissidências de gênero e, conseqüentemente, sobre transgeneridades. Eu diria até que os feminismos são as primeiras ferramentas possíveis de autorização dessas dissidências – para pessoas trans e não-trans.

As contestações sobre a natureza dos gêneros precedem as transgressões. Elas fundam novos discursos e abrem espaço para experimentações com o próprio corpo, os gêneros e as sexualidades. Novas possibilidades são abertas pelo experimento. Os corpos e identidades trans estão fora de seus esconderijos, ocupando as ruas, os espaços da universidade, as telas de computador e celular. É, em especial, a partir das vivências e ocupações de pessoas trans na universidade e nos espaços da internet que aparecem transfeminismos.

A proposta feminista de organização social mais justa e igualitária, com a garantia de direitos sobre o corpo e a livre expressão da sexualidade e da identidade, é solo fértil. Os movimentos transfeministas vêm da necessidade de incluir nesse projeto de sociedade questões invisibilizadas dentro dos feminismos – que já apareciam antes com os feminismos negro e lésbico, por exemplo. As experiências de identidades trans, na sua relação com a violência, a discriminação e o acesso dificultado à saúde estão tanto em um movimento ativista de rua, quanto no desejo de pensar feminismos a partir de existências trans. Jacqueline de Jesus fala do *Ensaio de construção do pensamento transfeminista* de Aline Freitas (2005) como uma semente do pensamento transfeminista brasileiro.

O transfeminismo é a exigência ao direito universal pela auto-determinação, pela auto-definição, pela auto-identidade, pela livre orientação sexual e pela livre expressão de gênero. Não precisamos de autorizações ou concessões para sermos mulheres ou homens. Não precisamos de aprovações em assembleias para sermos feministas. *O transfeminismo é a auto-expressão de homens e*

mulheres trans e cissexuais. O transfeminismo é a auto-expressão de pessoas andrógenas em seu legítimo direito de não serem nem homens nem mulheres. Propõe o fim da mutilação genital das pessoas intersexuais e luta pela autonomia corporal de todos os seres humanos. O transfeminismo é para todxs que acreditam e lutam por uma sociedade onde caibam todos os gêneros e todos os sexos (p. 1; o grifo é meu)

Como as outras expressões dos feminismos da quarta onda, os transfeminismos têm uma relação íntima com a internet e as mídias sociais – tanto pela possibilidade que elas abrem de fala e troca, como por ser um lugar privilegiado de afirmação da legitimidade social de identidades trans. Pelo Facebook, temos a página e o grupo que chamam Tranfeminismo e a página Travesti Reflexiva¹⁰, por exemplo. Das várias youtubers, eu vou deixar os nomes e nomes de canais da introdução como exemplos.

Reivindicações pelo direito sobre o corpo e por uma certa auto-determinação já aparecem, e aparecem com força, nos feminismos de todas as ondas. O transfeminismo radicaliza essa luta, pela necessidade de pessoas trans autorizarem as próprias existências. Os direitos ao corpo e à auto-determinação são fundamentais para tornarmos nossas identidades socialmente inteligíveis; é briga por cidadania e humanidade. Estamos em obras porque nos construímos, nos autorizamos, em discursos e em ações, nos espaços virtuais e nas ruas. Estamos, sociedades e sujeitos, em obras feministas.

Capítulo 2: narrativas de si

“Quero pensar, agora, no canto não mais como o som afinado dentro de um sistema musical específico, mas como essas frequências dentro do som que não se escutam e que ainda assim, resistem e movem o mundo.”

(Dora Moreira Barreto; o grifo é meu)

Vozes trans e feministas se misturam no que ainda tenho para escrever, daqui para frente. Algumas vezes se misturam na mesma pessoa, outras não. Acredito que já deixei claro como pontos de vista feministas e experiências trans dividem dores parecidas e se encontram em formas de resistência. Agora, quero começar esse capítulo falando de silêncios.

¹⁰ Ou tínhamos, a página Travesti Reflexiva não está mais ativa.

2.1 Oceano do não dito

O silêncio é um lugar comum. Caladas não corremos o risco de falarmos de nós mesmas; e falar de si é sempre uma transgressão. Na reconexão com suas emoções e sentimentos, na quebra da boa educação que não incomoda, que não perturba, na autorização de outras formas de existir. A manutenção de uma certa forma de ser pessoa no mundo e de lidarmos umas com as outras é feita na conformidade. Não necessariamente na satisfação ou na concordância, mas na falta de propor alguma coisa diferente – ou na proposta que não chega a ser escutada. “O silêncio é o oceano do não dito, do indizível, do reprimido, do apagado, do não ouvido” (SOLNIT, 2017, p. 27)

Operando por esses lugares, por vezes o silêncio é uma falta de fala, no sentido literal da coisa. Na violência – física, sexual, emocional – que uma pessoa sofre e não consegue denunciar, na reivindicação por direitos que não tem lugar em um estado repressor e antidemocrático, na contestação de narrativas sobre gênero e sexualidade que pode não ser feita. Gêneros são produzidos nas histórias que contamos sobre eles, nos comportamentos que endossamos e repreendemos, nas formas como nós mesmas nos apresentamos e nos colocamos em relação, no mundo – em tudo isso, um “nós” enquanto sociedade. A inteligibilidade dos dois gêneros é sustentada por narrativas violentas e fortes, e eles só existem enquanto possibilidades estanques e únicas porque as maneiras como são performados é controlada nesses discursos.

O silêncio é feito daquilo que é reprimido ou apagado. Na nossa relação – enquanto brasileiras, pelo menos – esquecida com a nossa história, com as feministas e pessoas LGBT que vêm transgredindo gênero e colocando essas outras possibilidades em circulação há décadas. Nessas transgressões que estão no mundo e que talvez esqueçamos – ou nunca tenhamos encontrado – porque elas pouco estão nos produtos culturais que consumimos. Histórias contadas em número muito menor do que são comuns, de mulheres que não podem ser presas a uma ideia limitante de ser mulher, de pessoas que experimentam e vivem gênero e sexualidade de maneiras diversas.

Filipe

Eu demorei muito para descobrir que isso era possível. Eu tinha um desconforto comigo, com o meu corpo, que eu não sabia explicar. No começo, eu achei que era uma questão com a minha sexualidade. Eu me assumi como lésbica com 15 anos, mais ou menos. Só que começa a passar o tempo, você vai se conhecendo mais e eu percebi que era uma coisa bem mais íntima, que não tinha a ver com as pessoas com quem eu me relacionava. Eu achava que tinha que nascer de novo, não tinha jeito. Eu tinha muito mais noção do que era uma mulher trans do que

um homem trans; você acaba tendo mais casos visíveis de mulheres. Eu levei muito tempo mesmo para descobrir que isso era possível.

Hugo

Por mais que a gente se sinta bem com quem a gente é, que a gente crie uma autoestima, quando o outro compartilha da ideia de que a gente existe, que a gente é bonito, é inteligente, isso ajuda a acreditar. A gente parte de uma realidade em que parece que a nossa existência é um crime, ou algo não possível.

O silêncio está também nas vozes não ouvidas. O que é impensável ou indizível é feito de experiências que existem nas nossas relações sociais, que existem nas nossas expressões culturais, mas que são marginalizadas e postas para fora de uma certa cultura dominante. Operações de silenciamento, necessárias para a manutenção da norma, porque

a matriz cultural através da qual identidades de gênero se tornam inteligíveis exige que *certas identidades não podem “existir”* – aquelas em que o gênero não é ditado pelo sexo e aquelas em que as práticas de desejo não são ditadas nem pelo sexo nem pelo gênero (BUTLER, 1999, p. 23 e 24; o grifo é meu).

As contradições nessas relações forçosamente caladas e o caráter performativo dos gêneros abrem espaço para que outras possibilidades sejam apresentadas. Um silêncio que é “preche de sons” (BARRETO, 2017, p. 425); e não existe gestação que dure para sempre.

Diogo

Eu passei por um período doido de ter medo que as pessoas soubessem que eu era um homem trans, mas não querer que elas me tratassem como mulher. Aí tinha um conflito muito grande. Nessa época eu escrevia muito, e eu lembro de vezes em que eu estava irritado ou nervoso, eu queria falar sobre isso, mas no auge dessa irritação nervosa eu não falava que estava “irritado” ou “nervoso”; eu ficava tomando conta para não me colocar no masculino. Até no momento de raiva eu tinha que pensar como não usar pronome e dizer “eu tô com raiva”. Quando eu comecei a contar para as pessoas, eu tinha muito medo das respostas de que isso não é de verdade, que é só uma fase, vai passar. Esse argumento vem e você tem que ter uma coisa para quebrar isso. Mas eu estava todo quebradinho, eu não tinha como quebrar mais nada. Eu já estava em pedaços. Era muito difícil quando alguém me vinha com perguntas. E cada vez que eu contava, as pessoas me perguntavam mais, questionavam mais. Então, primeiro eu fui me construir, juntar meus pedacinhos todos. Esse foi um período bem demorado. Mas depois, quando alguém chegava com um “isso é uma fase, vai passar”, eu sabia como responder.

2.2 Somos vulcões

Vamos nos perdendo dentro de nós mesmas, se não podemos falar das nossas experiências. Vamos esquecendo, se nos privam de ouvir histórias com que possamos nos identificar. Processos que negam a nossa humanidade, negando nosso poder de nos construirmos enquanto pessoas. “O silenciamento, ou a recusa em ouvir, rompe esse contrato social de reconhecer a humanidade do outro e a nossa ligação com ele” (SOLNIT, 2017, p. 49). Mas o silêncio, nessa forma de interação humana, só existe enquanto falar for uma possibilidade. Nós produzimos o mundo sobre dualidades – até quando elas não são realmente necessárias – e para uma falta de fala existir, uma voz precisa ser possível. Conseguimos lembrar que ainda temos o aparelho da fala, a tecnologia natural de produzir sons, e podemos nos comunicar entre outras pessoas caladas nas suas desumanizações; podemos ser humanas entre nós mesmas. E, dessa troca, com essa troca, é possível também fazer coro, falar mais alto, obrigar a ouvir aqueles que nos põe no mudo. Todas as feministas, as ativistas LGBT, assim como as pessoas trans que produzem ou produziram para o YouTube, em algum momento romperam o silêncio.

Hugo

Eu queria encontrar pessoas como eu, que tivessem a mesma visão de mundo. Eu não encontrava muitas dessas pessoas aqui no interior e isso me causou muita solidão. Por mais que eu tivesse amigos, colegas, não eram pessoas com quem eu conseguia me conectar muito. Eu estava buscando pessoas que entendessem o que eu estava passando. Era muito isso que eu sentia na minha adolescência. Quando eu comecei a produzir vídeos, eu percebi que essas pessoas existiam, que elas estavam encontrando meu canal e eu fui produzindo cada vez mais.

O espaço da internet pode ser de troca e afetividade, como pode um encontro em pessoa, um grupo de reflexão. É claro que guardadas suas devidas proporções - esses dois espaços não podem funcionar do mesmo jeito porque são fundamentalmente diferentes, exigem dinâmicas muito particulares das suas condições de existência, mas podem existir em lógicas parecidas. Na medida em que o requerimento para usar a internet como ferramenta de compartilhar experiências e ideias é poder acessá-la, as possibilidades de falar com outras pessoas se abrem. Por uma certa sensação de segurança física de expor suas transgressões, de casa, podendo interromper a exposição a qualquer momento. E pela chance de alcançar um número de pessoas talvez maior do que seria possível fazer analogicamente – na rua. Aqui, começamos ou voltamos a ouvir; outras vozes e as nossas.

Xisto

Quando eu comecei a fazer os vídeos, eu me identificava como uma mulher bissexual. Mas eu sentia que abrir esse jogo sobre a minha sexualidade ainda não dava conta de explicar para mim mesmo coisas sobre mim. Eu vim de uma cidade em que eu não conhecia ninguém LGBT e o canal foi quando eu comecei a conhecer. Eu vim para São Paulo fazer faculdade, foi a época que eu fui experimentando a minha sexualidade. Depois, eu comecei a experimentar meu gênero também. Acho que a ficha sobre meu gênero caiu por volta de 2014/2015. Eu assisti canais de pessoas trans, nesse processo, mas se você me perguntar quais, eu já não sei. Era uma coisa mais informal, em certo sentido. A primeira pergunta que eu me fiz foi: Será que eu sou um homem trans? Então, eu fui ouvir e ler homens trans. Eu vi vários vídeos de caras diferentes, contando seus processos de transição. Tanto a transição num sentido que a sociedade considera transição – cirurgias e terapia hormonal –, até a coisa mais subjetiva mesmo, processos mais íntimos dessas pessoas. Eu fui procurando por isso, mas eu nunca segui uma pessoa. Acho que acabava lendo mais que vendo vídeos nessa época, porque ainda não tinha tantas pessoas se expondo no YouTube. Isso deve começar a circular um pouco depois. No começo, eram mais pessoas fazendo registros pra si mesmo, era um diário.

Mesmo antes das pessoas normais ouvirem e descobrirem bem aos poucos que normal só existe enquanto construção, começamos a encontrar histórias e experiências com as quais podemos nos identificar. Nos descobrimos acompanhadas pela voz da outra; até humanas pela voz da outra.

Filipe

Esse negócio de demorar tanto para saber que isso era possível é muito louco. Os homens trans que eu sabia que existiam eram o Tarso e o Tammy, que já tinham aparecido em algum programa da mídia tradicional. E mulheres trans, que você acaba tendo mais contato. Em algum momento há uns 4 anos, eu comecei a procurar e encontrar todo esse universo de canais no YouTube de pessoas relatando transição. Para mim, o Luca Najjar, o Luca Scarpelli – do Transdiário – e o Ariel Modara foram grandes referências, acho que por eles serem os canais maiores. Quando você busca, você chega neles primeiro. Eu me identificava mais com o Luca Najjar, quando ele começou a transição ele estava namorando, ele estudava cinema. Uma identificação direta mesmo, como pessoa. Eu conheci Ariel e Luca depois e hoje eu percebo que a gente não é nada parecido. Eu me identifico com eles, mas, na real, a gente não é igual. É que ótimo. Na noite que eu gravei um vídeo com Ariel, a gente falou sobre isso. Ele foi uma

referência para mim muito mais no sentido de mostrar que a transgeneridade era possível. Dos três que eu mencionei, o Ariel é o principal – e a gente é completamente diferente.

Sam

Eu assistia youtubers trans muito antes de me entender como trans. Não por querer entender a vivência, mas porque eu gostava do conteúdo. Quando eu comecei a raspar aquela camada grossa de repressão, eu fui me entendendo. O YouTube não foi parte desse processo de chegar lá, mas me trouxe um conforto saber que existiam outras pessoas que nem eu. Eu primeiro me entendi como uma pessoa não-binária, e essa parte foi fácil – eu sabia que não era mulher. Ser trans homem era um pouco radical, porque eu sentia que tinha um pouco de feminilidade. Me entender como trans homem foi entender que a minha feminilidade não era uma característica intrínseca minha, era algo que me deram para ser. Eu fui moldado para ser mulher. Eu tenho comportamentos que são vistos socialmente como femininos; são os outros que veem eles como femininos. O YouTube aí teve um papel importante, para eu ver homens trans bastante queer, se assumindo gays, mostrando que a infância e a adolescência deles não foram super másculas e que tudo já era muito óbvio desde sempre. Quebrando essa aparência, essa ideia pré-formulada do que é um homem trans. O Chase Ross foi um cara bastante importante nesse processo.

Thomaz

Esses dias estava conversando com um amigo e ele me perguntou quem era a minha inspiração, quem foi uma pessoa importante para mim nesse processo de descoberta, de colocar a cabeça para fora da água. Eu percebo que um dos maiores referenciais da galera é o João Nery. João é o pai de muita gente, e me ajudou indiretamente, inclusive. Mas o meu referencial está aqui nessa conversa mesmo. Uma das coisas que eu acho mais bacanas no canal é que Diogo e eu estávamos em momentos totalmente diferentes da transição. Quando a gente começou o canal, ele estava para operar, eu estava começando a testosterona. Mas ele foi meu maior referencial. Quando eu não sabia o que fazer, era para ele que eu mandava mensagem e ele me ajudava. Falar sobre romper o silêncio e não falar do Diogo para mim é basicamente impossível; e ele ainda é uma baita referência. Essa quebra do silêncio foi cercada de pessoas que somaram muito e muito estudo e informação, coisa que eu acho que não dá para ter sem redes sociais, sem mídias, sem uma galera dando a cara a tapa, sem pessoas dispostas. Muito ou quase tudo que eu descobri sobre transgeneridade veio de pesquisas na internet e de trocas em mídias sociais. E o primeiro cara trans, preto e gordo para quem eu mandei mensagem, perguntando coisas, me marcou muito. Eu via corpos magros, brancos, num ponto da transição

barbados, passáveis, belíssimos, e estava eu, gordo, com um binder¹¹ que não disfarçava o peito e querendo morrer de calor e de dor e de raiva. Ele foi uma luz também.

“Somos vulcões. Quando nós, mulheres, apresentamos *a nossa existência como a nossa verdade*, como verdade humana, todos os mapas se alteram. Surgem novas montanhas” (Ursula K Le Guin, apud SOLNIT, 2017, p. 28; o grifo é meu). Acredito que qualquer pessoa que transgrida gênero e sexo – que são os lugares com os quais tenho trocado – seja vulcão. Quando nos identificamos com outras pessoas e temos uma experiência com elas, produzimos a força de colocar a nossa existência como a nossa verdade.

Diogo

Quando eu comecei a transição, tinha uma ideia fixa na minha cabeça de que eu ia passar por uma transição, em algum momento ela ia ter um fim e que a partir daquele momento ninguém mais ia saber que eu era trans. Eu ia me mudar, não contar mais para ninguém e isso ia ter passado, ia ter sido uma época da minha vida. Essa ideia não durou muito. A desconstrução não foi um prato que veio muito cheio e gostoso para mim. No meio da minha transição, eu apanhei de um cara, depois que ele descobriu que eu era trans. E isso foi um choque. Um dia antes, eu queria ser cis¹² e a transição era uma coisa que ia passar na minha vida. Depois que isso aconteceu, eu falei: “Não dá”. Não dá para ser uma pessoa trans e não fazer nada. Eu vejo isso acontecer com muitos homens trans. A gente sai do armário para transicionar, e aí chega a passabilidade, a leitura social masculina, faz uma cirurgia aqui e ali, retifica o nome e acabou, volta para o armário. Eu acho que a gente deve dar a cara a tapa. Usar das ferramentas, a gente fala do YouTube, de coletivos, de grupos, de ajudar pessoas que estão no começo da transição, ou às vezes perdidas mesmo não estando no começo. Eu entendo que existem particularidades nas vidas das pessoas, mas eu acho que a necessidade dessa agência precisa ser mais reforçada. Tudo que a gente tem, enquanto movimento social, enquanto minoria, está aí porque alguém lutou, alguém foi lá e deu a cara a tapa. Muita gente que morreu, que viu muita gente morrer, para a gente chegar agora, lindo, belo, maravilhoso, fazer essa transição e depois voltar para o armário. A gente precisa de mais gente lutando.

¹¹ Binder é uma faixa de compressão para os seios. Pedi para um amigo me ajudar com uma explicação simples do que é um binder, ele me deu essa e completou com “é ótimo porque esconde, é péssimo porque aperta muito”.

¹² A ideia de cis está no contrário daquela que é trans. Cis é a pessoa que sempre está em conformidade com o gênero em que lhe colocaram, quando nasceu – ou quando descobriram seu sexo num ultrassom. A palavra, apesar de comum, não aparece na minha boca ao longo do trabalho, porque prefiro falar de “pessoas não-trans”; talvez seja por achar que é mais fácil de me fazer entender assim.

Resumindo, o silêncio não é mais uma opção para a gente.

2.3 Tornando-se sujeito de si mesma

Toda possibilidade de ação no mundo é limitada pela realidade material em que uma ideia esteja inserida. E às vezes parece que dimensões subjetivas e discursivas são esferas alheias à essa materialidade, mas elas não são. As condições materiais que são anteriores à nossa possibilidade de ação no mundo foram construídas por outras materialidades, mas também por ideias e discursos. Especialmente no que diz respeito às regras sociais, às dinâmicas de gênero e sexualidade, aos códigos de moral e ética que se colocam como verdadeiros e dominantes. Entender a linguagem e os discursos como “meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência” não é sobre negar a realidade concreta, mas pensar uma desconstrução de noções pré-discursivas – noções que justamente promovem um apagamento da história e a naturalização de certos papéis e lugares no mundo (RAGO, 2013, p. 31).

Em sociedades que se organizam a partir de filosofias cristãs – como a nossa –, as ferramentas para construção do sujeito vêm do cristianismo. A doutrina cristã estabelece a “constituição de uma subjetividade, de uma *consciência de si perpetuamente alertada* sobre suas próprias fraquezas, suas próprias tentações, sua própria carne” (FOUCAULT, 2006, p. 71; o grifo é meu). A confissão está no centro da forma de se fazer gente, é ela que ativa essa consciência alertada de si e a coloca em movimento. É trabalho do sujeito vasculhar seus pensamentos e desejos e coloca-los à disposição da autoridade religiosa mais próxima, para que as suas impurezas e seus pecados sejam tratados. O indivíduo está no centro da manutenção da moral e dos valores normativos; ele se coloca sob o exame e controle do outro, mas também se auto-examina e controla permanentemente. Ainda assim, para Michel, os mecanismos de poder da Igreja não são especialmente de interdição, mas de produção. As técnicas e procedimentos que são propostos nesse espaço são da verdade e da produção da verdade. Aquilo que é bom e o que não é, o que deve ser feito e o que não deve, aquilo que se deve almejar e o que evitar são construídos no exercício de confessar, na fala dos sujeitos – e em uma fala de si. E ainda,

não há ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; não há conduta moral que não exija a constituição de si mesmo como sujeito moral; não há constituição de sujeito moral sem modos de subjetivação e sem uma ascética ou *prática de si* que os fundamentem (Ibid., p. 214; o grifo é meu).

Xisto

Eu falo de mim mais quando começo a fazer daily vlogs¹³. Esse foi um formato que me interessou: mostrar o seu cotidiano, por mais simples que fosse. A graça estava em como você contava a história do seu dia ou da sua semana. Ao invés de falar como uma pessoa LGBT, de temas LGBT, eu comecei a mostrar meu cotidiano, do café da manhã, a trabalhos, passeios, relações. Quando algo nesse cotidiano passava por eu ser uma pessoa trans não-binária e bissexual, esse tema entrava no vídeo. O meu canal era sobre mim e isso acabou facilitando a conversa com muitas pessoas; muitas pessoas não-trans, pessoas até cis hétero, que se aproximavam porque se interessavam pelo formato que eu estava criando. Eu meio que criava uma armadilha. Era um vídeo despretensioso sobre um passeio na paulista, que acabava virando um papo cabeça sobre questões de gênero e sexualidade – ou outras questões.

Hugo

Eu sempre usei meu canal como um espaço para documentar os pensamentos que eu tinha e encontrar pessoas que tinham os mesmos pensamentos. Crescendo uma bichinha afeminada. no interior de São Paulo, eu não tinha muitas pessoas como eu. Eu tinha uma necessidade grande de falar das coisas que me perturbavam, do que eu estava pensando, das coisas que eu queria viver num sentido geral. Ao mesmo tempo que faço os vídeos para compartilhar a minha vida, as coisas que eu estou passando, eu proponho reflexões. É isso que eu acho mais legal: contar de uma nova perspectiva da realidade e as pessoas poderem refletir sobre o que isso pode significar na vida delas.

Ainda que inserida dentro de uma lógica social e de produção de uma verdade, toda pessoa guarda certa autonomia e possibilidade de intervenção no mundo. As falas, os discursos, precisam ser repetidos e às vezes renovados, porque toda pessoa é uma transgressora em potencial. O sujeito se constrói na tensão entre ideias de verdadeiro e falso, o que Michel Foucault chama de “jogos de verdade”. Os jogos de verdade são disputas e é nelas que acontece uma regulação das experiências possíveis – das experiências que serão validadas ou não, que se tornarão ou não socialmente inteligíveis. É claro que essas disputas se dão numa dimensão material dura, como quando a briga é por leis que garantam direitos trabalhistas, que coíbam ações racistas, que promovam a segurança e a ação contra a violência à mulher, que marquem crimes de ódio contra mulheres, pessoas trans e de orientações sexuais diversas. Mas a sua dimensão discursiva é profundamente importante.

¹³ Os daily vlogs são, basicamente, a sua tradução: vlogs diários, gravados todos os dias e com um tom diarístico.

As formas de existir no mundo se abrem em possibilidades na experimentação, na busca por uma certa liberdade de performar gênero e pôr em prática desejos que desviam da norma. As tentativas de construir novas possibilidades organizam novas subjetividades e elaborar narrativas sobre essas experiências é colocar elas nas disputas pela verdade. Não uma verdade essencial, mas verdades possíveis – porque as verdades que organizam o mundo também são narrativas construídas, mas a partir de experiências normativas e limitantes. Exercícios de falar de si são trabalhos de reinvenção da própria subjetividade, uma forma de “tornar-se sujeito de si mesmo”, e não a busca de uma “verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma” (RAGO, 2013, p.52).

Aquela confissão que ocupa lugar central na constituição dos sujeitos em sociedades como a nossa é rearranjada, por vezes, nas narrativas de si de grupos marginalizados. A autoridade na dinâmica da confissão está no outro, na espera por uma forma de se redimir dos comportamentos desviantes ou pelo reconhecimento dos esforços para andar na linha. Nas narrativas de pessoas transgressoras, no contar das próprias experiências e ideias, a autoridade está em si. Quando alguém conta da própria história, da própria experiência, ela se coloca à disposição de quem ouve. É nessa abertura e na troca que acontece nela que outras formas de existir no mundo são legitimadas. Uma legitimação pela própria pessoa; a narrativa funciona como ferramenta de *autorização* da própria existência.

Xisto

Os vídeos funcionam como um documento que atesta, de certa forma, a minha identidade. Eu acredito que a experiência de ser uma pessoa trans na relação com o outro seja muito singular, e para pessoas trans não-binárias é muito surreal. Eu posso falar no dia a dia com as pessoas sobre quem eu sou, algumas vão entender, outras não, outras vão relevar, mas a partir do momento que eu tenho um espaço na internet em que eu falo sobre isso e outras pessoas reconhecem isso, cria-se uma autoridade sobre o que eu estou falando. Parece que é como um documento mesmo provando que eu sou uma pessoa não-binária, que isso existe e tem outras pessoas aqui endossando isso. Pode parecer um pouco ridículo, mas é uma forma de estar em relação e é em relação que a gente existe. Eu pensei muito nisso. Recentemente, quando eu parei de produzir os vídeos, eu fiquei pensando: “Tá, então como eu dou autoridade pro meu gênero agora? Como eu faço as pessoas acreditarem em mim?”

Os processos de autorização acontecem em dimensões mais íntimas e pessoais, mas também coletivamente. Uma narrativa de si pode não chegar à outra, pode ser uma escrita, um diário; mas quando falamos de nós mesmas, propomos uma troca. É um contar da própria

verdade, é disputar possibilidades de ação e existência no mundo. Se a narrativa não existe sempre em contato com outras pessoas, esse contato sempre existe quando ela vem em forma de vídeos compartilhados na internet. Coloca-la em relação abre os processos à uma certa coletividade, essas novas possibilidades podem ser negociadas, disputadas. E qualquer forma de existir no mundo só existe mesmo enquanto está em movimento; porque a nossa organização social acontece a partir de desigualdades e contradições, que levam a uma constante disputa ou pela manutenção de certos privilégios e poderes, ou pela reestruturação do todo. As produções de gêneros e sexualidades existem no meio dessa briga – e nunca apesar dela – e, conseqüentemente, sempre “desviam dos seus propósitos originais”. Às vezes acidentalmente, outras de maneira mais ativa e consciente, mas em todos os casos, os desvios “mobilizam possibilidades de ‘sujeitos’ que não apenas tencionam, mas expandem os limites do que é culturalmente inteligível” (BUTLER, 1999, p. 39).

Diogo

No primeiro ano da minha transição, a masculinidade bateu para mim de um jeito muito forte e eu vi um lado muito tóxico dela. Esse primeiro modelo que chegou era aquele de que eu tinha que cuspir no chão, segurar o saco e, em alguma medida, inferiorizar mulheres. Foi muito difícil, o entendimento de que eu não precisava agir dessa forma para ser homem. De que eu poderia criar uma masculinidade não tóxica. E foi um processo. No começo, eu tinha uma repulsa muito grande ao que era feminino. Isso foi me jogando para o masculino, mas nesse modelo muito estereotipado. Quando eu vi que essa forma não era para mim, fiquei “então o que é pra mim?”. Se eu não me encaixo nesse lugar, o que eu sou? Se eu não ia ser um cara desse jeito que os caras são, que tipo de cara eu seria? Acho que falar da autorização para ser quem a gente é, às vezes é sobre dar uma autorização para ser algo novo. Talvez algo que nem exista, ou talvez algo que uma população esteja criando. Eu sou muito esperançoso e acredito numa população de homens trans que tenham vindo para mudar um pouco essa masculinidade.

2.4 Ela mergulha a coisa na vida da narradora

A nossa fala é parte fundamental da nossa construção enquanto sujeitos e da organização da sociedade em que estamos inseridas – porque ela é também parte da construção de outros sujeitos que entram em contato conosco. Tanto numa dimensão política, de pensamento mais organizado e até formal, quanto no contar das nossas experiências, na troca de histórias, na elaboração de uma narrativa de si. A narração é um diálogo, quando ela se permite ser interrompida e abrir num espaço de troca. E uma narração tanto de histórias pessoais, quanto de outras histórias e referências, que acaba atravessando quem conta e quem escuta.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arteção – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida [da narradora] para em seguida retirá-la (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Xisto

Eu acho que uma das coisas que mais torna a gente humano é se conectar com o outro de alguma forma. Compartilhar alguma coisa sua e ter alguém ouvindo, e essa pessoa compartilhar alguma coisa dela. A gente se torna humano nesse diálogo, ele faz a gente se dar conta de que está inserido no mundo. Eu trabalhei com arte-educação e arte tem esse caráter: você se coloca no mundo, alguém olha para aquilo, reconhece você enquanto parte do mundo, se emociona ou odeia, mas reage aquilo de alguma forma. Guardadas as devidas proporções, eu não acho que o que eu fiz era arte, mas produzir vídeos foi um pouco isso. Criar um material, a artesanaria daquilo era importante para mim e na hora que eu compartilhava e tinha resposta das pessoas, eu via que para elas era importante me dizer alguma coisa sobre o que eu tinha feito. Eu sentia que a gente estava, dos dois lados, sendo humanos. Se cuidando, cuidando das nossas humanidades. Trocando ali para não esquecer o que a gente era.

A troca em narração cria um espaço de experiências compartilhadas: as histórias que ouvimos passam a ser nossas de alguma forma, nos permitimos dar e receber conselhos e sempre quem escuta uma história está na companhia de quem narra¹⁴. Processos de construção de si são ativados na conversa, na identificação de semelhanças e de possibilidades na experiência do outro – afinal, mutuamente nos autorizamos. Nos abrimos para dar e receber conselhos, quando contamos das nossas histórias e ouvimos as das outras; para nos ajudarmos a passar por momentos difíceis e para encontrarmos soluções para o que se coloca como problema. As trocas dependem do engajamento das outras pessoas, dependem da vontade delas de estar junto e trocar; é quase como se a natureza da troca fosse companhia.

Diogo

Muitas pessoas procuram vídeos sobre situações que elas tenham passado. Então, se a gente faz vídeos sobre como é quando alguém erra o seu pronome, as pessoas que tiveram seus pronomes errados podem encontrar esse vídeo. Quando a gente fala sobre terem errado o nosso,

¹⁴ Em “O Narrador”, Walter Benjamin tem uma forma muito afetiva de pensar narração e conselho que são bem caras para mim, quando eu penso nessas trocas que podem ser promovidas a partir do compartilhamento dos vídeos.

eu acho que isso traz um certo acolhimento, a pessoa se sente abraçada. Só que ao mesmo tempo, a gente não está ali só para falar que já erraram nosso pronome. A gente pode falar disso, mas também vamos fazer um vídeo sobre como lidar com isso, um vídeo falando sobre fazer terapia, sobre contar com uma rede de amigos, ter uma vida saudável de uma forma geral. Coisas nesse sentido. O vídeo é muito mais voltado para quem está assistindo, do que um reflexo nosso. Só que nós também estamos ali, a gente divide e compartilha a nossa vivência também.

Filipe

São vários tipos de relação com quem assiste o canal. Tem as pessoas que chegam falando sobre tomar a mesma T que eu e não passar pelas mesmas transformações; tem aquelas que perguntam como eu cuido de certas coisas, como a barba; tem pessoas que chegam falando que estão desesperadas, não sabem o que fazer e nem como contar para a família. Eu contei para a minha família aos 28 anos e esses dias uma pessoa falou para mim: “Você é a primeira pessoa mais velha que eu vi num vídeo”. Muitas pessoas no YouTube começam a transição com 18/20 anos e essas são as referências que estão aí para a gente ver. Eu entendo os medos dessa pessoa mais velha que isso, perto dos seus 30 anos. Você já está colocado no mercado de trabalho, já fez ou está fazendo faculdade, eu tenho a impressão que são mais pessoas pra quem você tem que explicar. Pessoas, inclusive, que vão te receber com um “só agora você viu que isso acontece?”. São medos com os quais talvez eu saiba falar mais do que com os de uma pessoa de 18 anos. A minha experiência é diferente.

2.5 Uma democracia do conhecimento

À medida que desenvolvemos tecnologias de comunicação, elas entram nas nossas dinâmicas sociais – afinal, elas são mesmo desenvolvidas para isso. Os vídeos na internet, compartilhados no YouTube por essas pessoas com quem eu conversei, funcionam como uma tecnologia de fala. Muitas vezes como uma forma de falar de si, de se construir enquanto sujeito e de se comunicar com outras pessoas num nível mais pessoal e até desprezioso. Mas essa possível democracia da fala também é mobilizada para compartilhar informações que podem ser pensadas como de utilidade pública para pessoas trans, ou de potencial impacto positivo na vida de outras pessoas. De informações e educação sobre procedimentos de transição como cirurgias, uso de hormônios, exercícios para alterar o tom da voz¹⁵, de operações legais como

¹⁵ Possivelmente na maioria das vezes uma alteração para para o agudo, na tentativa de chegar ao que é socialmente entendido como uma voz feminina.

alteração de nome e marcador de gênero no registro civil e em documentos, até ajuda para pensar estratégias de educação da família sobre transgeneridade e a experiência de pessoas trans. Quando pessoas trans produzem vlogs, esses vídeos oferecem uma oportunidade única de acessar e compartilhar conhecimentos produzidos a partir de experiências trans, que até então eram muito limitados ou simplesmente inacessíveis¹⁶.

Diogo

A gente traz o que a gente queria ver na internet, coisas que a gente acha relevante, enquanto homens trans. Tem uma série em que falamos sobre cada cirurgia que um homem trans pode fazer, tem um vídeo sobre binder, tem sobre packer¹⁷, tem sobre destransição também. A gente tenta pegar alguns assuntos que estão rolando na bolha e falar sobre isso. Eu acredito que uma das maiores coisas que a gente faz é pensar “o que seria legal de ver estando no começo de uma transição?” e produzir a partir daí. A gente traz algumas questões sobre esse processo de autodescoberta. E traz um pouco da nossa vivência e do que a gente quer ver nas temáticas mesmo. O canal surgiu de uma necessidade muito grande que a gente teve de se sentir representado. Porque a gente não se via e não via o conteúdo que achávamos importante estar ali.

Filipe

Eu comecei o canal um mês antes de começar o tratamento hormonal. Toda informação que eu tinha, eu consegui no YouTube, então eu queria retribuir isso de alguma forma. Ajudar a espalhar informação. O João Nery é uma referência forte para a gente e ele sempre fala “se unam enquanto comunidade, falem sobre suas experiências, discutam elas”. É sobre visibilidade mesmo: vamos ser visíveis para ter espaço de fala. Meus vídeos muitas vezes são como um registro; eu vejo meu primeiro vídeo hoje e eu não sei quem é aquela pessoa. Falar sobre transição nos vídeos funcionou como um registro mais para mim, do que numa vontade de ser uma referência. Mas ao mesmo tempo, eu sempre fiz um esforço de deixar claro que a transição é muito pessoal, as pessoas não ficam iguais quando transicionam, como não ficam iguais quando passam pela puberdade. Nem os mecanismos de transição são iguais para todo mundo. Saber disso é importante quando você vai passar ou está passando por uma transição.

¹⁶ Parte da tese de Tobias Raun que tenho como referência para a produção desse trabalho é sobre essa dimensão de compartilhamento de informações e conhecimentos. As propostas de Tobias sobre esse lugar são extremamente interessantes para pensar esse uso dos vlogs, em que eu não me aprofundo aqui. Especialmente no capítulo “Trans as a pathologized and contested identity category”.

¹⁷ Packer é um acessório usado, principalmente, para fazer volume na cueca. Ele pode ter outras funções, como ajudar a fazer xixi em pé. Tudo depende de que packer estamos falando.

Sam

Teve um vídeo que eu falei sobre educação sexual. O que os youtubers trans faziam estava se tornando algo muito midiático, sem informação, e isso me deixou bastante preocupado. A gente tem um papel de educar as pessoas também. Eu fiz algumas pesquisas e não achei nada sobre educação sexual, por exemplo. Achei alguma coisa entre gringos, mas nada no Brasil. Então eu fiz um sobre masturbação – para homens trans. Peguei umas massinhas para mostrar como se masturba o clitóris, como ele fica quando você usa testosterona e como estimular o novo clitóris. Algo bem gráfico, mas educacional. Eu sentia uma falta desse tipo de informação que as pessoas precisam e tive uma necessidade de fazer o vídeo.

Capítulo 3: visões de si

*“Meu amor por imagens – a árvore de mesquite dando flores, o vento [...] as imagens efêmeras das fantasias da alma – e por palavras; minha paixão pela luta diária de transformá-las em algo concreto no mundo e no papel, **de dar corpo a elas**, me mantém viva”*

(Gloria Anzaldúa; o grifo é meu)

Esse capítulo ainda é sobre fala, mas uma fala apoiada e articulada com certas ideias de visão. Sem muito tempo para falar sobre corpo, as conversas desse capítulo ainda assim passam por ele, primeiro pelo que seria uma dimensão mais literal e imediata da visão: o olhar sobre o próprio corpo, a transição e o corpo como ferramenta de autorização. É com essa ideia que começamos.

3.1 Corpo mesclado

Todo corpo é feito em dimensões históricas e discursivas; nenhum é puramente natural. As nossas existências e as nossas trocas no mundo levam sempre em consideração a materialidade dos nossos corpos – desde a maneira como as outras pessoas vão olhar para a gente e lidar conosco, até a forma como percebemos e interagimos com nós mesmas. Se essa materialidade é sempre atravessada por histórias sobre gênero, raça, sexualidade, classe, e se todo corpo humano passa por diversos e constantes processos de significação e educação sobre uma certa verdade, uma forma correta de existir no mundo, um lugar estável que ele deve

ocupar: Quem tem autoridade para contar essas histórias? Quem valida as histórias contadas? Quem produz as verdades sobre os corpos?

Os discursos sobre gênero produzem formas fechadas e pré-determinadas de existência. São narrativas que combinam uma série de atos performativos do que é socialmente entendido como masculino e feminino com a materialidade do sexo – e talvez essa combinação com uma característica orgânica, corpórea, seja o fator mais influente na naturalização desses discursos. O corpo e a sua materialidade são fundados na violação da liberdade de experimentar e pensar as suas formas de ação no mundo, e na violência que existe nos processos de limitação e molde dessa agência. Mas existimos em tensões, e essa corporeidade também é disputada, como são as narrativas. É difícil encontrar os limites das disputas materiais e discursivas, e talvez seja até inútil tentar marcar essas fronteiras. Existimos nas fronteiras, nas misturas materiais de diferentes biologies e nas misturas culturais e performáticas, nas nossas experiências de troca e nas brechas que encontramos para experimentar as categorias que nos deram fechadas, como o gênero. A mistura está nas nossas dinâmicas de transgressão e nas dinâmicas normativas, talvez ela seja o ponto de encontro das duas. Talvez seja por ela que podemos apertar as tensões, as disputas que atravessam a nossa sociabilidade; aperto necessário para a abertura de novas possibilidades.

Uma consciência sobre essa mistura, essa mescla de corpos, experiências e possibilidades é o ponto de partida para o entendimento de que “o corpo é instável, fluido, plástico, moldável, e não um feito definitivo e imutável da natureza” (BREDER; COELHO, 2017, p. 1490). É a partir dela e sobre ela que os processos em que autorizamos as nossas existências pode acontecer, porque entendemos que não só o corpo, mas também as narrativas e as técnicas de produção de subjetividade são fluidas. Mas agora falo só de corpo e de uma fluidez que talvez tenha sido dada pela normatividade e que foi reapropriada pelas transgressões.

Todo corpo é categorizado e sofre tentativas de organização que falam com a forma como temos lidado com a natureza. Uma mistura do que é natural e aleatório com a racionalidade científica, que se esforça para identificar, classificar e medir essa certa natureza. A mesma ciência humana que se empenha em categorizar, é atravessada por esforços para “se não sobrepor-se à natureza, ao menos reproduzir sua capacidade de criação” – e essa mistura produz um borrão nos limites entre o natural e o artificial (Ibid.). Esses limites já eram questionados e tensionados em disputas nas produções discursivas sobre a experiência humana, mas quando as intervenções médico-científicas nos corpos passam a fazer parte das nossas dinâmicas sociais, as questões e tensões ganham uma dimensão material ainda mais concreta.

Se os gêneros e as possibilidades socialmente inteligíveis de existir no mundo eram naturalizados na sua ligação como o sexo e a materialidade do corpo, como continuar com esse sistema quando essa materialidade pode ser alterada? Como fixar o destino de corpos que podem, cada vez mais facilmente, alterar sua materialidade?

3.2 Uma tecnologia complementar de transição

Esses destinos ainda são fixados e a possibilidade de intervir no corpo não resolvem o problema dos gêneros; mas abrimos uma possibilidade importante de agência. A transição para pessoas trans pode acontecer em dimensões e formas diferentes e se valer das mais variadas ferramentas. Transições são experimentações constantes de pessoas – corpos e subjetividades – que não estão confortáveis e não cabem nos destinos pré-traçados para elas. Pessoas que operam mudanças na voz, no corpo, nas roupas, na forma como se referem a elas mesmas. Seria um completo desperdício dos nossos tempos que eu tentasse listar aqui o número de combinações e intervenções que as pessoas podem fazer na tentativa de estar mais confortáveis com o seus corpos, com a forma como ocupam o espaço do mundo e a forma como as outras pessoas as veem e as tratam; as possibilidades são muito numerosas. Quero pensar apenas em que medida os vídeos produzidos pelos vloggers com quem estou conversando funcionam como mais uma tecnologia de transição.

A produção dos vlogs costuma ou ser uma forma de registro da transição das pessoas que gravam ou ao menos ser atravessada pelas experiências dessas pessoas, enquanto trans. Nos dois casos o trabalho de fazer os vídeos entra nas dinâmicas de produção da subjetividade das produtoras. Porque é processo comunicacional, porque a pessoa se liga de alguma maneira à tecnologia através da qual ela fala, no preparo da câmera e do microfone, no trabalho com o material gravado, na edição e compartilhamento do vídeo final; se liga a ela mesma, quando se coloca no exercício de falar de si, de se escutar e se ver, de marcar a própria existência no mundo; e se liga às pessoas que assistirão os vídeos, que encontrarão com quem se identificar, que terão suas experiências desviantes validadas – e autorizadas.

Sam

O canal me fazia repensar muito como que eu me apresentava para o mundo. Ele era uma exposição da minha vida, que estava separada da minha família e tudo mais. Eu tinha mais liberdade de ser quem eu era. Minha primeira transição foi com os amigos, eu falei que era não-binário, e falei no canal também. Eu também cortei o cabelo, estava vestindo roupas muito andrógenas. E eu acabei recebendo muitos comentários com o mesmo conteúdo: “É menino ou menina?”. Aquilo mexeu completamente com a minha cabeça, eu fiquei enfurecido e não sabia

com quem falar. Eu fiquei enfurecido, e envergonhado, não porque eu estava fugindo do padrão e as pessoas não me entendiam, mas porque existia uma questão muito íntima que nem eu mesmo tinha resolvido e as pessoas estavam notando antes de mim. E já estavam expondo aquilo antes de eu querer fazer isso. Foi muito duro. Depois eu transicionei como trans homem. Eu demorei um mês para me assumir publicamente, primeiro eu falei com a minha família e dei um tempo para ela se ajeitar com essa questão. Eu fiquei pensando em apagar o canal, não achava que teria força de enfrentar o YouTube com aquilo. Eu queria ser uma pessoa que falava de saúde mental, de anti-proibicionismo, e que acontecia de ser trans. Mas as pessoas só me enxergariam como sendo trans. Mas uns meses depois, eu até já tinha iniciado a testosterona e decidi voltar ao canal. Fiz um vídeo de perguntas e respostas. Uma menina perguntava se eu era lésbica e eu me assumi. O título do vídeo era “É menino ou menina?”. Foi bem simbólico para mim.

As novas formas de performar gênero, criadas na experimentação, acabam passando para a vida offline. Estamos nos conhecendo e explorando nossas possibilidades “no exercício de vermos nós mesmas refletidas através de tecnologias de informação e comunicação, de um jeito que ainda não tinha sido possível, até então” (HILL, 2005, p. 28 apud RAUN, 2012, p. 275; tradução minha). No exercício de produção dos vlogs, as pessoas usam os espaços do vídeo e do virtual para explorar aspectos não desenvolvidos da sua identidade; abrimos um espaço de experimentação online. Existe uma certa liberdade na relação com a câmera e na possibilidade de gravar os vídeos sozinha no quarto. Uma liberdade de explorar outros jeitos de se vestir, de usar a voz, de mostrar e mexer o corpo; uma exploração de formas mais confortáveis de existir. “Estar confortável é estar tão à vontade com o ambiente em que você está que chega a ser difícil saber onde o seu corpo termina e onde o mundo começa” (AHMED, 2014, p. 148; tradução minha). Um conforto que fala com as possibilidades de ocupação e agência no mundo, e que começa na exploração delas.

Hugo

Eu sempre tive um questionamento sobre gênero, mas não era algo que eu explorava muito. Tem alguns vídeos antigos meus em que eu falava um pouco sobre como essa questão me causava uma confusão, mas nada com muitos detalhes. Eu fazia umas maquiagens doidas, ainda me identificando como um garotinho gay, e mal via pessoas como eu na internet. Enquanto fazia os vídeos, eu descobri que tinha liberdade para me construir da forma que eu bem entendia; e eu levei aquilo ao máximo, da forma como eu pude. E eu estava feliz por me expor assim. O que me levou a descobrir o que é ser uma pessoa trans, foi questionar o que era

ser homem. Por que eu não poderia construir a mim mesma de uma forma diferente? Por que eu não poderia existir de uma forma diferente? Vendo meus vídeos antigos, acho que eles representam muito a descoberta da minha liberdade e uma tentativa de compartilhar ela com quem estava me assistindo.

Os vídeos e o canal no YouTube são um primeiro espaço de teste, um lugar de encontrar conforto em quem você é – e quem você quer ser – e de levar esse conforto para a ocupação dos espaços no mundo não-virtual. Esse é um conforto que por vezes também diz respeito a mudanças físicas que a pessoa faz no próprio corpo.

Thomaz

No começo, o meu corpo todo me incomodava. Não era só a questão de estar desconfortável com a leitura que era feita dele, era o corpo mesmo. Eu era um cara preto, gordo, que estava tentando se adequar a uma ideia de gênero que não fazia sentido para mim. Eu não ficava confortável com o que eu via, de várias maneiras. Era uma coisa que me doía. Até que eu percebi que gostava do que aquele cara que me incomodava tinha para falar; eu estava falando do meu ponto de vista, então não tinha muito como errar. E foi um processo de aceitar o meu corpo, a forma dele. Foi muito curioso, porque com o tempo passando, a testosterona começou a agir, eu comecei a fazer academia – que acabou sendo uma baita ferramenta para a ansiedade. E eu comecei a perder peso e entrar em desespero, porque eu estava começando a gostar do meu corpo gordo que eu via nos nossos vídeos. Mais outro processo de entender que eu ainda era o mesmo cara, a mesma pessoa, mesmo que eu corpo mudasse. E foi muito bom ver o bigode crescer no YouTube, também. Essa foi uma coisa que eu tive muita sorte de acompanhar; não precisei de um espelho, tinha os vídeos do canal.

As experimentações são refletidas pelas imagens gravadas; a experiência do vídeo é a do fazer gênero e se ver fazendo. Ele começa a funcionar como um espelho, que “convida a youtuber a assumir a forma da identidade/representação desejada”, num exercício constante de se olhar e se colocar como uma “imagem atraente”, para si e para as outras pessoas (RAUN, 2012, p. 227; tradução minha). O espelho também mostra as alterações no corpo, as transições. Ele reflete e valida o trabalho de produção material de si mesma da pessoa que se filma e se vê. Quase um espelho-janela, para si e para as outras pessoas.

Xisto

O processo de editar e ver os vídeos é um pouco como se olhar no espelho, só que de um jeito mais subjetivo. Olhar para aquilo que você está falando, ver e ouvir aqueles pensamentos que

você formulou e editar aquilo é quase como criar alguma coisa. Alguma coisa que possa ser compartilhada com o outro e esse registro de quem você é, vingar.

Filipe

No processo de você falar as coisas e se ouvir, você aprende muita coisa sobre você. Eu me vejo como uma pessoa muito diferente daquela que começou o canal um ano e meio atrás. Eu mudei pensamentos, mas até aí não tem a ver só com a transição. Você vai se entendendo mais com a sua personalidade. Eu acho que as mudanças físicas ajudam muito nisso, porque você vai se reconhecendo. Você vai vendo no espelho, no dia a dia, aquilo que você imaginava. Eu não assisto os vídeos depois que coloco no YouTube, porque eu já passei tempo demais com ele, gravando e editando. Mas ver ele pronto, antes de subir para o canal, eu acho que faz parte desse olhar para o espelho e ir me identificando cada vez mais com a minha imagem e a minha posição. Eu me identifico no que eu vejo e no que eu ouço. Ele é uma confirmação daquilo que eu penso e da forma como eu me vejo.

3.3 Certa produção intelectual de si

Uma visão de si menos literal também aparece na produção dos vídeos. Parte dos nossos processos de produção de subjetividade envolve aspectos intelectuais, ideias que temos sobre o mundo, formas que encontramos de explicar as coisas que nos atravessam ou que mexem com a gente; e mesmo como descobrimos jeitos de contar outras coisas que não necessariamente falam de nós mesmas. Por mais que eu venha batendo na tecla da troca afetiva com as outras pessoas, essa troca às vezes é racional, é sobre fazer um sentido mais organizado do espaço em que existimos. Os vlogs podem funcionar como um espaço privilegiado de criação, explicação e entendimento de processos íntimos, mas também de pensamento e produção intelectual. Ao mesmo tempo em que a gravação dos vídeos cria um ambiente propício para reflexão, ela registra esses processos.

Xisto

Quando eu olho, em retrospectiva, os vídeos em que eu trato da questão LGBT, especialmente da questão de gênero, eu vejo ali um registro de como eu fui formulando meu pensamento. Às vezes eu compartilhava uma sacada que não tinha tido antes.

Filipe

Eu tentei gravar três vezes um vídeo sobre passabilidade e não consegui. Eu acho o termo ruim, começa por aí. Passabilidade é você se passar por. Eu não estou me passando, eu sou. Eu não estou vestindo uma fantasia. Às vezes eu estudo sobre um tema que eu quero falar nos vídeos, eu ligo a câmera, começo a falar e me ouvir, eu penso “não é isso, não é porque tá escrito em

algum lugar que é a minha opinião”. Quando eu comecei a falar no vídeo qual era a definição daquilo, eu percebi que não via daquele jeito. Passar é sobre cisnormatividade: eu sou passável a partir do momento que eu pareço um homem cis. Mas não é sobre isso, não é sobre a gente se espelhar num modelo cis. A transgeneridade é sobre como a gente se vê. Eu acho que essa é especificamente uma coisa que me afeta muito. Existem lugares que eu vou, que as pessoas não me conhecem e de repente elas me tratam no feminino, mesmo eu tendo barba. Eu não consigo entender por que. Essa talvez seja a coisa que mais me afeta hoje em dia e eu não conseguia explicar ou entender passabilidade de uma maneira que não refletisse a minha experiência. Você se ouve nos vídeos e isso ajuda a entender o que você pensa e como você sente sobre as coisas.

Essa produção intelectual por vezes é sobre assuntos mais gerais, nem sempre pessoas trans estão produzindo conteúdo sobre transgeneridade. Às vezes ela é uma produção que atravessa experiências transgressoras, mas que não necessariamente impactam a vida de quem produz. Mas outras vezes ela é caminho para se entender, entender de onde vieram as noções limitantes que impediram que agíssemos no mundo, que estivéssemos nele da maneira mais confortável para nós mesmas. Organizar essas ideias, esses pensamentos mais formais sobre as coisas, acaba sendo tecnologia de transição e – talvez consequentemente – autorização.

Considerações finais

Conversar com Diogo, Filipe, Hugo, Sam, Thomaz e Xisto foi acalentador. Por mais que não tenha sido possível que todas nós estivéssemos juntas, para trocar ideias e cuidados, nesse espaço estivemos. Sentamos no chão dos cômodos da minha casa por onde migrei escrevendo e organizando esse trabalho. Produzimos nas trocas, um trabalho escrito a vozes, tão coletivamente quanto foi possível.

É importante pontuar que muitas discussões importantes sobre transgeneridade e experiências trans aparecem nas falas das seis youtubers. Como a fala de Filipe sobre passabilidade, a de Sam sobre educação sexual de pessoas trans, a de Diogo sobre a volta para o armário depois da transição, a de Thomaz sobre representações e ocupação de espaços de corpos pretos e gordos. Eram lugares para onde o tempo de produção do trabalho e o espaço que eu tinha não me deixaram seguir. Achei importante deixar esses pontos aparecerem – porque eles apareceram nas conversas.

Contamos da gente, das nossas histórias, das nossas experiências. Colocamos elas à disposição de outras pessoas, em uma troca direta, numa conversa de mesa de bar, em sala de aula, num almoço de família. Produzimos sempre a partir das nossas experiências, e às vezes

sobre elas. Os vlogs são muitas vezes produções sobre as vivências de quem produz, e para pessoas trans sempre uma produção escancaradamente a partir das nossas experiências. Quando nos colocamos em relação com outras pessoas e falamos de nós, das nossas verdades, autorizamos nossas próprias existências. Damos legitimidade às nossas histórias e passamos a existir no imaginário social.

Essa monografia é também ferramenta de autorização das nossas existências – e talvez mais da minha. Ela se tornou, nesse processo, canal de fala e de rompimento com um certo ritual de escrita acadêmica que talvez seja o mais presente nas produções de trabalhos na universidade. A proposta foi escrevê-lo e organizá-lo a partir de uma forma de produzir conhecimento que me atravessa; encontrar uma epistemologia, em alguma medida, minha. Acredito que ela testemunhe esse esforço.

Por último, os processos de autorização não são só de pessoas trans, qualquer pessoa transgressora precisa encontrar ferramentas de autorização da própria existência. Quando transgredimos, disputamos as narrativas sobre as formas válidas de existir no mundo e habitamos a divisa entre o normal e o estranho, entre o certo e o errado, entre o bom e o ruim. Vivemos na fronteira de Gloria, que não é confortável, que é “um lugar vago e indeterminado, criado pelo resíduo emocional de um limite não-natural”, um constante estado de transição, onde vivem as pessoas “que cruzam, que passam e que atravessam os limites do ‘normal’” (ANZALDÚA, 1999, p. 25; a tradução é minha); vivemos na fronteira e fazemos dela nossa casa e nossa potência. Somos mistura, possibilidades abertas. Existimos porque nos permitimos existir, e nos colocamos no mundo, filmamos nossos corpos, gravamos nossas ideias e compartilhamos o resultado. Encontramos nossas formas de autorização, nas resistências, nas lutas, nas produções, na arte; apoiamos nossas existências umas nas outras, nos autorizamos.

Referências Bibliográficas

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ANZALDÚA, Gloria. **Boderlands / La Frontera**. São Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

BARRETO, Dora Moreira. Os sons que eu soo. **Periódicus**, n. 8, v. 1, Salvador: Grupo de Pesquisa CUS, UFBA, nov/2017-abr/2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BREDER, Debora; COELHO, Paloma. Desvelando imagens: o visível e o indizível na pele que habitamos. **Estudos Feministas**, n. 25, v. 3, p. 1489-1502, setembro-dezembro/2017.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity**. Nova Iorque: Routledge, 1999.

DE CUNTO, Julia. **Escuto quando estão caladas: Carta à segunda onda feminista**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V – Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a *Marcha das vadias* no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 433-447, maio/agosto 2014.

JESUS, Jacqueline G. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.

LEAL, Leila S. “**Culpe a era em que vivemos**”: **Comunicação, cultura e sujeito nos movimentos sociais contemporâneos**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAUN, Tobias. **Out online. Trans self-representation and community building on YouTube**. Roskilde: Roskilde University, 2012.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas. Reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Referências com links

Carta da ONU, 1945. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/carta/>. Acesso em: 21/09/2018.

Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21/09/2018.

Afros e Afins, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg/about>. Acesso em: 02/10/2018.

Análise dos resultados de Pnad Contínua de 2016, sobre acesso à internet e à TV. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9173->

[pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=21240&t=downloads](#). Acesso em: 21/09/2018.

Ariel Modara, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFTIDQwgbBp3Si0Azd2IFKQ/about>. Acesso em: 02/10/2018.

Jout Jout Prazer, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer/about>. Acesso em: 02/10/2018.

Louie Ponto, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/loouieeee/about>. Acesso em: 02/10/2018.

Lucca Najar, Canal. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC33ODj_jViL2YEkPM7yF0Iw/about. Acesso em: 02/10/2018.

The top 500 sites on the web. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites>. Acesso em: 03/10/2018.

Thiessita, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCweMwYMCTNxwJd4MF5pOBmw/about>. Acesso em: 02/10/2018.

Top 30 most visited websites in the world – 2018 edition. Disponível em: <https://hotinsocialmedia.com/top-30-most-visited-websites-in-the-world/>. Acesso em: 02/10/2018.

Transdiário, Canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCDZD4KvGmjkq-GTb5AXD0nQ/about>. Acesso em: 02/10/2018.